

Este artigo é parte integrante da Edição v.1, n.2, 2017

eISSN 2595-1971
DOI 10.25188/FLT-GaleriaTeologica(eISSN 2595-1971)v1.n2.2017.p117-145

Licenciado sob uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações 4.0 internacional



“DA MORTE AO PARTO”:

Uma análise exegética do “vazio” à “plenitude” de Noemi em Rute 1.19-2.2

ERVIN WILLIAM DRÄGER

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	119
1 TEXTO.....	120
1.1 TRADUÇÃO.....	120
1.2 ANÁLISE GRAMATICAL, DA ESTRUTURA E DA FORMA.....	121
2 CONTEXTO.....	124
2.1 CONTEXTO LITERÁRIO.....	124
2.2 CONTEXTO HISTÓRICO.....	126
3 INTERTEXTUALIDADE.....	129
3.1 DE MOABE A BELÉM.....	129
3.2 AS MULHERES SOB AS ASAS DE DEUS.....	130
3.3 O PARENTE JUSTO.....	133
3.4 CONCLUSÃO.....	135
4 CONTEXTUALIZAÇÃO.....	136
4.1 ANÁLISE DA RECEPÇÃO.....	136
4.2 ANÁLISE HERMENÊUTICA.....	136
4.3 APLICAÇÃO.....	139
CONCLUSÃO.....	142
REFERÊNCIAS.....	143

INTRODUÇÃO

O sofrimento não é seletivo. Ele não escolhe sexo, classe social nem raça. O sofrimento faz parte da vida humana. Não existe remédio que o possa “destruir”. Assim, “Da morte ao parto”, Noemi passa da morte de seu marido e filhos ao parto do seu neto Obede, e, com isso, experimenta novamente a plenitude. Diante disso, o presente estudo exegético objetiva compreender o texto de Rute 1.19-2.2. Buscando, com isso, aproximar-se de seu sentido original e encontrar implicações para a sua aplicação no contexto atual.

Num primeiro momento, pretende-se arrolar as primeiras impressões que surgiram durante a leitura do texto. Essas serão, aqui, analisadas em três pontos principais, que incluem os sentimentos gerados, associações com outros textos bíblicos e com o contexto atual, e, por fim, perguntas e dúvidas geradas durante a leitura.

O primeiro ponto, os sentimentos gerados, compreendem a emoção devido à história de Noemi, principalmente, aos detalhes que ela conta às mulheres de Belém. Por outro lado, um sentimento de revolta, pois Deus parece ser condescendente com o sofrimento de Noemi, não intervindo em sua vida e história. Mas, o principal seja mesmo o sentimento de motivação, pois mesmo o quadro estando desfavorável, ela buscou forças e continuou a sua vida. Assim, nada está tão mal e difícil que não possa ser superado.

Quanto às associações, segundo ponto, percebe-se que há uma relação estreita de amizade entre Noemi e Rute. Assim, existem amizades e relacionamentos familiares positivos no AT. Destaca-se, também, a amizade de Jonatas e Davi, amigos e cunhados. Quanto ao sofrimento de Noemi, logo vem à mente Jó, um homem que perdeu tudo, de forma similar à Noemi. Olhando para o contexto do séc. XXI, percebe-se que existem dois lados que exprimem o relacionamento sogra nora, uma vez positivo e outra vez negativo.

Para nortear a pesquisa, entende-se que é necessário levantar algumas perguntas para orientar a mesma. Primeiramente, a volta de Noemi e Rute para Belém e do porquê da comoção dos moradores da cidade. Segundo, quem seria o parente do falecido marido de Noemi e qual era sua função como parente. Terceiro, como funciona o resgate em Israel e em outros locais, por exemplo, Moabe. E, por fim, por que Noemi mudou o seu nome naquele momento?

Esses três pontos iniciais têm como objetivo orientar e motivar a pesquisa. Espera-se, todavia, que o trabalho exegético contribua não somente ao conhecimento bíblico e científico, mas, principalmente, à vida de fé.

1 TEXTO

1.1 TRADUÇÃO¹

19 Então² foram³ ambas⁴ até chegar a Belém.⁵ E quando elas chegaram em Belém,⁶ houve um alvoroço em toda a cidade por causa delas⁷ e as mulheres perguntavam:⁸ é esta Noemi?

20 Mas, respondeu-lhes:⁹ não me chamareis¹⁰ Noemi, porém, chamai-me¹¹ Mara,¹² porque o Todo-Poderoso muito me amargou.

- ¹ Tradução conforme o texto de ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm (Orgs.). Bíblia Hebraica Stuttgartensia. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1993, p. 1321.
- ² A conjunção ו pode ser traduzida como e, mas, assim, então. Cf.: HOLLADAY, William L. Léxico hebraico e aramaico do Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2010, p. 119-120. A ARA traduz como então e a NTLH como e. Já a NVI e a BJ traduzem-na como uma conjunção explicativa pois. Sendo possível essa tradução, pois está explicando a decisão de Rute em seguir Noemi (v.18). Quanto a NBP, esta omite a conjunção. Optou-se por traduzir como então, pois a narrativa continua em relação ao trecho anterior.
- ³ O verbo וָיָבֹאוּ pode ser traduzido como ir, marchar, caminhar, avançar, dirigir-se. Cf. SCHÖCKEL, Alonso Luis. Dicionário bíblico hebraico-português. São Paulo: Paulus, 1997, p. 176-177. A ARA traduz como foram. Já a NVI como prosseguiram, a NTLH como continuaram a viagem, a BJ como partiram e a NBP como puseram a caminho. As versões em língua portuguesa optaram por sinônimos, pois, o sentido do verbo “pode significar a totalidade ou o desenvolvimento do processo” desse ir. Cf. SCHÖCKEL, 2004, p. 177.
- ⁴ Os numerais no hebraico encontram-se tanto no gênero masculino como no feminino. Assim, o termo שְׁנַיִם (dois) é formado pelo sufixo masculino [ַי], mas, refere-se às mulheres, Noemi e Rute. Por isso, muitos manuscritos hebraicos medievais, mlt Mss, entendem que o sufixo deve ser escrito e lido como [ַיְ]. Assim, os mlt Mss priorizam a substituição do sufixo pronominal masculino pelo feminino. Essa substituição de [ַי] para [ַיְ] ajudaria a entender melhor o gênero do numeral. Porém, a partir da raiz do numeral é possível identificar o gênero = masculino [ַי] e feminino [ַיְ]. Cf. KELLEY, Page H. Hebraico bíblico: uma gramática introdutória. 9. ed. ampliada. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2013, p.131. Assim, o termo שְׁנַיִם possui a raiz de um numeral feminino.
- ⁵ A expressão וְעַד בָּאוּ אֵל בֵּית לָמָּה é traduzida pela ARA, em vez de preposição + infinitivo, como preposição + particípio, isto é, até que chegaram a Belém. A BJ omite a preposição וְעַד, traduzindo-a como uma conjunção aditiva e. Ela também traduz o verbo בָּאוּ como pretérito perfeito chegaram. A NVI e a NTLH traduzem a preposição וְעַד como até, porém omitem o verbo בָּאוּ. Ambas as traduções utilizam os verbos principais de suas respectivas traduções + a preposição, ou seja, elas prosseguiram/continuaram a viagem até Belém. Desta forma, a frase pode ser entendida como um deslocamento até Belém. Quanto à NBP, ela omite essa frase. A mesma frase é omitida pela LXX, G* texto original grego, datado do séc. III/I a.C. A omissão ocorreu, provavelmente, para evitar a duplicação do termo chegar + Belém que aparece novamente na frase seguinte. Mas, o autor do livro enfatiza o fato do destino ser Belém e que de fato chegaram em Belém. Assim, a omissão da frase minimiza a importância do chegar e Belém, que são dois termos importantes no texto.
- ⁶ A expressão quando chegaram é formado pelo verbo בָּאוּ e pela preposição כִּי, a qual pode ser traduzida como conforme, quando. Cf. SCHÖCKEL, 2004, p. 303. Essa expressa uma simultaneidade entre a chegada e o alvoroço. A oração, portanto, pode ser traduzida conforme as versões portuguesas, como uma oração temporal. Cf.: KELLEY, 2013, p. 219. A ARA traduz a preposição como sucedeu que, ao + verbo subjuntivo no futuro chagarem. Assim, ela quer enfatizar que quando elas chegaram, algo aconteceu. Já a NVI traduz a preposição como ali + gerúndio chegando. Já a NTLH traduz a preposição como quando + verbo no pretérito perfeito chegaram. A BJ como substantivo chegada. A NBP traduz como logo que entraram, preservando, também, essa simultaneidade.
- ⁷ A LXX códice Vaticano GB, datado do séc. IV, entende o termo עַל־יָהּ (por causa delas) como singular genitivo תֵּן הַחֶמֶץ שֶׁפָּשָׂה (por causa dela). Já a LXX códice Alexandrino GA e o códice Marchaliano GQ também entendem como singular (por causa dela), mas como dativo הַחֶמֶץ [אֲנִי]. A LXX entende que toda a cidade comoveu-se somente por causa de Noemi. Entende-se, contudo, que a BHS está mais próximo do original, pois os dois verbos no versículo referem-se justamente a duas mulheres, isto é, plural.
- ⁸ Há outras formas para traduzir אָמְרוּ, além de dizer, como: responder, perguntar, acrescentar. Cf. SCHÖCKEL, 2004, p. 65. A ARA e a BJ traduzem como diziam. A NVI e a NTLH como perguntavam. E a NBP como comentavam. Todas as versões traduzem o verbo no pretérito imperfeito e acrescentam o termo mulheres, que se refere a terminação do sufixo, o qual é feminino (וָהֵן).
- ⁹ O verbo אָמְרוּ é utilizado para a introdução ao discurso de Noemi. A ARA traduz como pretérito imperfeito dizia. Já a NVI, BJ e a NBP traduzem como pretérito perfeito respondeu. A NTLH traduz como pretérito imperfeito respondia. A tradução tanto no pretérito perfeito como no imperfeito, no português, não alteram o significado, pois, no hebraico só há uma forma. As traduções que utilizaram o termo respondeu/respondia, além de serem uma possível tradução, compreendem que Noemi responde a pergunta feita pelas mulheres (é esta Noemi?).
- ¹⁰ O verbo תִּקְרָא é traduzido como 2ª plural futuro. Porém, a ARA e a BJ traduzem-no como subjuntivo presente 2ª plural chameis. A NVI, NTLH e a NBP traduzem como subjuntivo presente 3ª plural chamem. O verbo no imperfeito pode ser traduzido no subjuntivo, pois, às vezes, reflete um desejo, uma vontade ou uma permissão de quem fala. Cf.: KELLEY, 2013, p. 166. A NVI, NTLH e a NBP traduzem como 3ª pessoa, pois utilizam o termo você/s em suas traduções.
- ¹¹ O verbo קְרָא encontra-se no imperativo 2ª feminino plural. A ARA e a BJ traduzem como imperativo 2ª plural chamai. A NVI, NTLH e NBP traduzem como subjuntivo 3ª plural chamem. Neste caso não é um desejo, mas sim uma ordem.
- ¹² Este termo deve ser lido, segundo muitos manuscritos hebraicos medievais [mlt Mss], como מְרָא em vez de מְרָא. A raiz de ambos os termos é o adjetivo קָרָא que pode ser traduzido como amargo, azedo, aflito, amargurado. SCHÖCKEL, 2004, p. 400. Ambas as formas estão corretas. mlt Mss quis substituir o [א] pelo sufixo de 3ª feminina singular [ַי].

21 Eu parti plena, mas sem nada Javé me fez retornar.¹³ Por que me chamastes Noemi? Javé me fez estar aflita¹⁴ e o Todo-Poderoso fez o mal em mim.¹⁵

22 E¹⁶ voltou Noemi. E Rute, a moabita sua nora, com ela, a qual¹⁷ retornou dos campos de Moabe. E elas¹⁸ chegaram a Belém no princípio da colheita da cevada.

1 E para Noemi havia um parente¹⁹ de seu marido, homem muito rico²⁰ da família de Elimeleque, seu nome era Boaz.

2 Então disse Rute, a moabita, para Noemi: deixa-me²¹ ir ao campo, por favor, e recolherei das espigas atrás do qual eu conquistar favor.²² E disse (Noemi) a ela (Rute): vai!²³ minha filha.

1.2 ANÁLISE GRAMATICAL, DA ESTRUTURA E DA FORMA

A perícopes de Rt 1.19-2.2 é um texto narrativo em prosa.²⁴ Quanto ao gênero literário, a partir da estrutura, trata-se de um texto em forma de novela.²⁵ Nessa perícopes, encontram-se cinco cenas principais, que fazem a “amarra” do texto. Na primeira cena, ocorre um movimento migratório: (1) elas

¹³ A expressão *וַיֵּשֶׁב יָהוָה בְּעַדַּי* é traduzida pela ARA como porém o SENHOR me fez voltar pobre. A NVI traduz como mas de mãos vazias o Senhor me trouxe de volta. A NTLH como mas o Senhor me fez voltar sem nada. A BJ como e lahweh me reconduz de mãos vazias! E a NBP como parti sem nada. Esta é a única tradução que omite o termo *וַיֵּשֶׁב יָהוָה* (Javé).

¹⁴ O verbo *עָנָה בִּי* encontra-se no tronco Qal na BHS. Já a LXX (G), a Peshitta (s) e a Vulgata (v), traduzem o verbo como Piel *עָנָה בִּי* [עָנָה בִּי] afligiu-me. Essa mudança só faz diferença na língua hebraica, mas não na língua portuguesa e grega.

¹⁵ A frase *וַיֵּשֶׁב יָהוָה בְּעַדַּי* é traduzida pela ARA como o Senhor se manifestou contra mim e o Todo-Poderoso me tem afligido. A NVI traduz como o Senhor colocou-se contra mim! O Todo-Poderoso me trouxe desgraça!. A NTLH traduz como se o Senhor Todo-Poderoso me fez sofrer e me deu tanta aflição. A BJ traduz como lahweh se pronunciou contra mim e Shaddai me afligiu. A NBP traduz como Javé se pronunciou contra mim e Shadai me trouxe aflição. A primeira parte da frase, Javé me fez estar aflita, é traduzida de forma correta, porém com outras palavras, mas expressam o sentido original. Na segunda oração, o verbo *עָנָה בִּי* encontra-se no tronco Hifil, isto é, o sujeito causa a ação. Podendo ser traduzido, assim, como fazer o mal, comportar-se de forma repreensível, trazer calamidade, causar dano, agir impiamente. Cf. HOLLADAY, 2010, p. 489. Assim, as traduções em português procuraram preservar a forma intensiva do verbo, mas usando outras formas para traduzir.

¹⁶ A ARA traduz como advérbio de modo assim. A NVI, BJ e a NBP traduzem verbo auxiliar + advérbio de modo foi assim. Já a NTLH traduz conjunção aditiva + verbo auxiliar + advérbio de modo e foi assim. O texto quer indicar que desta forma Noemi voltou.

¹⁷ A ARA, NVI, NTLH e a NBP traduzem como elas chegaram, ou seja, traduzem o verbo *וַיָּבֹאוּ* como um pretérito perfeito 3ª plural. A BJ traduz como pronome relativo + pretérito perfeito que veio, referindo-se à Rute. No original, o verbo se encontra no particípio, mas no português pode ser traduzido como pronome relativo + verbo conjugado. Neste caso, o particípio não se refere às duas mulheres (Noemi e Rute), mas somente à Rute.

¹⁸ O presente pronome é masculino. Porém, o texto não faz menção a homens, mas somente às mulheres. Desta forma, o pronome pode ser entendido como feminino, pois, conforme Holladay, há textos com problemas de Q (texto lido) e K (texto escrito). Assim, deve-se ler, em vez de eles, elas. HOLLADAY, 2010, p. 107.

¹⁹ Conforme o aparato crítico, o termo *מִיֵּדָע* deve ser lido [Q], segundo muitos manuscritos hebraicos medievais [mlt Mss], como *מִיֵּדָע*. Ambas as formas não alteram a tradução, pois têm como raiz o termo *מִיֵּדָע*. Outra chamada ao aparato indica que a palavra deve ser escrita como [K] *מִיֵּדָע*. Este termo é traduzido pela LXX como particípio Pual do verbo *יָדָע* que pode ser traduzido como “conhecido, parente, confidente, companheiro”. Cf. SCHÖCKEL, 2004, p. 270. Assim, nenhuma das formas altera o sentido real e original do termo.

²⁰ A expressão *גִּבּוֹר צָדִיק* significa literalmente alguém “de boa posição”. Cf. SCHÖCKEL, 2004, p. 127. A ARA traduz como senhor de muitos bens. A NVI traduz como homem rico e influente. A NTLH traduz como homem rico e muito importante. A BJ e a NBP traduzem como pessoa importante.

²¹ A partícula *וְ* [וְ] “tem a função de dar mais ênfase ou urgência ao imperativo”. Cf. KELLEY, 2013, p. 210. O verbo no coortativo, expresso pela partícula *וְ*, é “usado para expressar desejo, intenção, autoencorajamento ou determinação do sujeito de realizar certa ação”. Cf.: KELLEY, 2013, p. 168. A ARA traduz como imperativo deixa-me. A NVI traduz como futuro indicativo vou recolher. A NTLH e a BJ traduzem como imperativo e subjuntivo presente deixe que eu vá. A NBP traduz como imperativo 3ª singular + infinitivo deixe-me ir.

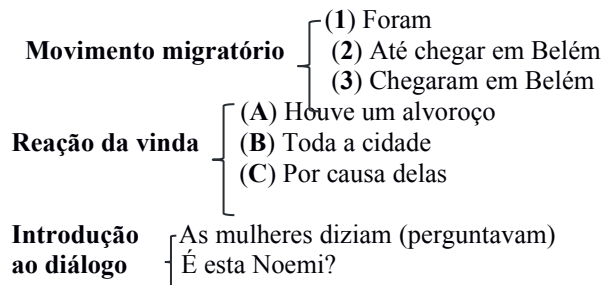
²² A expressão idiomática *וְאֶתְּחַבֵּל עִמָּךְ* [וְאֶתְּחַבֵּל עִמָּךְ] pode ser traduzida como conquistar, alcançar favor diante de alguém. Cf. SCHÖCKEL, 2004, p. 232. A ARA traduz como mo favorecer. A NVI como me permitir. A NTLH traduz e interpreta a expressão conquistar favor como catando as espigas que forem caindo. A BJ e a NBP traduzem como me acolher favoravelmente. A expressão encontrar favor em seus olhos é traduzida literalmente pela LXX.

²³ O verbo *וָאֵל* encontra-se no imperativo 2ª feminina singular vai!. A ARA e a BJ traduzem como imperativo 2ª singular vai. A NVI e a NTLH traduzem como imperativo 3ª singular vá. Já a NBP traduz como pode ir, expressando uma permissão, mas que nesse caso, do versículo, trata-se de uma ordem, ou seja, um imperativo.

²⁴ Dos seis versículos, cinco iniciam com um *ו* (vav) narrativo.

²⁵ Cf.: RENDTORFF, Rolf. Antigo Testamento: uma introdução. Santo André: Academia Cristã, 2009, p. 364.

foram (movimento de saída), (2) até chegar em Belém (direção) e (3) chegaram em Belém (destino alcançado). Na segunda cena, relata-se a reação causada a respeito do retorno das mulheres por meio da preposição ם [quando], que assume, neste caso, uma função temporal. A consequência desse retorno foi: (A) um alvoroço (B) em toda a cidade (C) por causa delas. Como resultado, as mulheres da cidade perguntavam atemorizadas entre si: não é esta Noemi?



O **Diálogo 1** é iniciado por Noemi no v.20 e continua até o v.21. O v.20 começa com a conjunção ן [mas], na função adversativa, introduzindo o diálogo, o qual é dirigido às mulheres da cidade [ן ן]. Nesta **terceira cena** ocorre um crescente no diálogo, o qual inicia com a mudança de nome e culmina com a explicação e conclusão de Noemi. Desta forma, Noemi faz um balanço entre o seu passado e o seu presente. Assim, no ponto (A) Noemi proíbe as mulheres de a chamarem assim [ן ן ן], em vez disso (B), devem chamá-la de Mara. Esse contraponto é introduzido pela conjunção ן [mas], que assume uma função adversativa, seguido do verbo imperativo. ן ן [chamai]. A explicação desta mudança (C) é elucidada pela conjunção ן [porque], que evidencia o *Todo-Poderoso* como o sujeito e a causa [ן] dessa mudança.

A segunda parte do Diálogo 1 inicia com o pronome pessoal ן [eu].²⁶ Neste trecho (D), Noemi é o sujeito eu plena parti, e na segunda linha, o contraponto (E), é iniciado com a conjunção adversativa MAS sem nada Javé me fez retornar. Javé é o sujeito e a causa do retorno [ן]. A partir disso, Noemi conclui (F), numa forma de paralelismo sinonímico, que: (F1) Javé é o sujeito de sua aflição [ן] e (F2) o Todo-Poderoso é o sujeito e a causa do mal que lhe acometeu [ן].

Diálogo 1²⁷

- v.20 A - NÃO me **chamareis** (vós) Noemi
 B - MAS **chamai-me** (vós) Mara
 C - PORQUE o **Todo-Poderoso** **muito me amargou**
- v.21 D - EU plena **parti**,
 E -MAS **sem nada Javé me fez retornar**
 F – POR QUE me **chamastes** Noemi?
 F1 - **Javé me fez estar aflita**
 F2 – **Todo-Poderoso fez o mal em mim**

Ocorre uma mudança de cenário e de personagem na quarta cena. Nos versículos anteriores, Noemi era a personagem principal, papel este, que a partir deste versículo é conferido à Rute. Após o Diálogo 1, o v.22 dá continuidade à ideia iniciada no v.19 com o verbo שׁוב [retornar], o qual é citado

²⁶ Único versículo que não inicia com a conjunção ן, mostrando, com isso, a continuação do diálogo.

²⁷ Para a melhor visualização, utilizou-se de cores para demonstrar a relação das palavras no texto. Em negrito o sujeito. Em sublinha amarela os verbos imperfeitos. Em sublinha rosa o verbo no imperativo. Os verbos no Hífel em sublinha vermelha. Já em sublinha simples as palavras em paralelo. E em sublinha cinza o verbo no perfeito.

duas vezes neste trecho, uma vez referindo-se ao retorno de Noemi e, outra vez ao retorno de Rute. Na segunda parte do versículo, Rute torna-se a personagem principal, descrevendo quatro fatos sobre ela: (1) sua nacionalidade, (2) seu parentesco, (3) com quem ela retornou e (4) de onde ela emigrou. Na terceira parte volta à cena Noemi e Rute, afirmando que ambas chegaram em Belém no início da colheita da cevada.

- 2ª parte do versículo [Rute]** { (1) Moabita
(2) Nora de Noemi
(3) Com Noemi
(4) Do campo de Moabe

Em Rt 2.1, o autor faz um comentário, reportando-se a um parente do marido de Noemi [מִיָּדְעָה . לְאִי שָׁהָ], o qual vai ser tema a partir do cap.2. Esse parente é um homem muito rico [אִישׁ גְּבוּר צִיָּוָה], da família de Elimeleque [אֵלִימֶלֶךְ . מִבְּעֵיטָה], chamado Boaz [בּוֹאֵז]. No v.2 ocorre o Diálogo 2, entre Rute e Noemi. Nesta quinta cena, (1) Rute pede permissão à Noemi [אֶלְכֵּנִי כִּי אֵלֵךְ] [deixe-me ir, por favor], (2) ela tem como objetivo ir ao campo [שָׂדֵה], com (3) a finalidade de recolher, não colher, espigas [אֶלְקָה בְּשֹׂבְלֵי], e (4) fará isso atrás do qual conquistar favor. O diálogo finaliza com a ordem de Noemi [בָּתִּי] [vai!] à Rute, enviando-a [בָּתִּי] [minha filha].

Diálogo 2²⁸

- A- Rute** { (1) Deixa-me ir, por favor
(2) Campo (local)
(3) Recolherei das espigas
(4) Atrás do qual eu conquistar favor
- B – Noemi** { Vai!
Minha filha

²⁸ Cf. nota 21. Em sublinha roxa verbo no coortativo.

2 CONTEXTO

2.1 CONTEXTO LITERÁRIO

O livro de Rute encontra-se na terceira seção do cânon hebraico, os Escritos no bloco dos Megillot,²⁹ após o livro de Provérbios e antes de Cantares.³⁰ Tanto a LXX como as versões modernas da Bíblia, colocam o livro logo após o livro dos Juízes e antes de 1. Samuel.³¹

Noemi é considerada a figura central do livro, pois é ela quem dá unidade à obra desde o início até o fim,³² embora a narrativa gire em torno das ações de Rute e Boaz.³³ O livro, na sua macroestrutura, pode ser dividido em duas partes, o “vazio” de Noemi (1.1-22) e a “plenitude” de Noemi (2.1-4.22). Essas partes maiores, podem ser subdividas em cinco cenas, que são caracterizadas, principalmente, pela mudança de cenário e de personagem. O prólogo narra o contexto da imigração e do “vazio” de Noemi.³⁴ Já a primeira cena, relata o retorno de Noemi, acompanhada de Rute, de Moabe,³⁵ que é concretizado, na segunda cena, ao chegarem em Belém (1.19, 22).³⁶ A transição do “vazio” à “plenitude” é narrada na terceira cena com a apresentação do resgatador (2.1) e, essa esperança, torna-se cada vez mais presente com o encontro entre Boaz e Rute nos campos de Belém (2.8), a qual é auxiliada por Noemi (2.22-23).³⁷ Esse encontro, torna-se mais íntimo na eira de Boaz.³⁸ A quinta cena acontece na porta da cidade (4.1) e gira em torno do resgate de Noemi e Rute.³⁹ A consumação da plenitude de Noemi é relatada no epílogo com o nascimento de Obede,⁴⁰ possibilitando à Noemi e a sua família, antes ameaçada pela morte e desaparecimento, continuar vivendo.⁴¹

O livro, portanto, pode ser estruturado da seguinte forma:

Primeira parte - O vazio de Noemi (1.1-22)

Prólogo – Apresentação do “vazio” (1.1-5)

Cena 1 – O retorno de Noemi e Rute de Moabe a Belém (1.6-18)

²⁹ Sobre o Megillot cf.: RENDTORFF, 2009, p. 361-362. O livro de Rute “é lido na festa das semanas (o Pentecostes cristão). Essa é a festa da colheita e lembra o nascimento e a morte do rei Davi. Tanto a colheita (Rt 2) como a relação genealógica com a casa de Davi têm um importante papel no livro”. Cf.: RÖSEL, Martin. Panorama do Antigo Testamento: história, contexto e teologia. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009, p. 51-52.

³⁰ O livro de Provérbios finaliza com um poema sobre a mulher virtuosa. Já Rute relata a história de uma mulher virtuosa (רַחֵם) [cf.: Pv 31.10 → Rt 3.11]. Já o livro de Cantares relata a beleza da celebração do casamento [cf.: Rt 4.10]. Esses três livros, portanto, louvam personagens femininos. Cf.: DILLARD, Raymond B.; TREMPER, Longman III. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 125. Outra maneira de compreender a posição dos livros é de forma cronológica, isto é, Rute aborda “a história dos antepassados de Davi, depois o Cântico dos Cânticos e Coélet [Salomão como autor], e, finalmente, Lamentações [destruição do templo] e Ester [judeus vivendo na Pérsia]”. Cf.: RENDTORFF, 2009, p. 362.

³¹ A LXX e as versões modernas localizam o livro no “período de tempo em que a história passa”, isto é, “nos dias em que julgavam os juízes” (Rt 1.1). Cf.: DILLARD; TREMPER, 2006, p. 125. O livro de Juízes finaliza com o estupro da concubina de um levita (Jz 19.25) por benjamitas (Jz 19.22), atitude que quase aniquilou a tribo de Benjamim (Jz 20-21). Já em 1. Samuel, o primeiro rei de Israel é justamente um benjamita, Saul (1Sm 10.1). O livro de Rute, com isso, faz um contraponto ao crime sexual, no qual Rute pôde se sentir protegida tanto por Boaz como por sua sogra Noemi (Rt 2.8, 22).

³² ANDIÑACH, Pablo R. Introdução Hermenêutica do Antigo Testamento. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2015, p. 435.

³³ FEE, Gordon; STUART, Douglas. Como ler a Bíblia livro por livro: Um guia de estudo panorâmico da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 2013, p. 93.

³⁴ O prólogo é marcado pela fome (1.1), morte do marido, Elimeleque (1.3), e dos filhos (1.5).

³⁵ A cena 1 narra Deus visitando o seu povo, dando-lhe pão (1.6), o abandono de Orfa (1.14) e a companhia e confissão de Rute (1.16).

³⁶ Na cena 2 Noemi relata às mulheres de Belém que o sujeito do seu vazio é o próprio Javé (1.20-21).

³⁷ A mão de Deus, contudo, está presente na história, revelando o seu cuidado e bênção (2.12).

³⁸ Na cena 4, Rute é aconselhada por Noemi (3.1-5), e outro parente é, o qual é mais próximo, apresentado na narrativa (3.12).

³⁹ Tanto Noemi como Rute deveriam ser resgatadas (4.5), diante disso o parente anônimo desiste (4.6, 8). A partir disso, Boaz compra as terras de Noemi (4.9) e casa-se com Rute (4.10).

⁴⁰ A genealogia inicia com Perez, filho de Judá e Tamar, e finaliza com Davi. Estes são os descendentes de Boaz e não de Malom.

⁴¹ ZENGER, Erich; et al. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Edições Loyola, 2003, p. 185.

Cena 2 – O discurso de Noemi em Belém (1.19-22)

Segunda parte – A esperança e a consumação da plenitude de Noemi (2.1-4.22)

Cena 3 – Rute e Boaz no campo (2.1-23)

Cena 4 – Rute e Boaz na eira (3.1-18)

Cena 5 – O direito do resgatador (4.1-12)

Epílogo – Apresentação da “plenitude” (4.13-22)

A perícopes, Rt 1.19-2.2, encontra-se no contexto menor do livro após a cena 1, o retorno⁴² de Noemi para Judá. A cena 2 concretiza o retorno de Noemi e Rute a Belém (1.19a), finalizando a narrativa do “vazio” de Noemi. A cena 3, o trecho posterior, apresenta o resgatador de Noemi e Rute e narra o encontro entre Boaz e Rute, revelando um sinal de esperança para Noemi. Logo, a perícopes é o ponto alto da mudança de país e do “vazio” em “plenitude” de Noemi.

A partir disso, entende-se que essa perícopes é um trecho coeso, mesmo sendo formada por duas cenas, cena 2 e cena 3. O final da perícopes anterior é assinalado pela preposição ׀, que assume a função de conjunção coordenativa conclusiva, a qual finaliza esse trecho. Ocorre, portanto, a mudança de cenário a partir do v.19, antes Moabe agora Belém. O v.22 “prenuncia a cena seguinte”,⁴³ a colheita da cevada (v.22), a apresentação de Boaz (v.1) e o desejo de Rute em ir ao campo (v.2). A partir do v.3 há a mudança de cenário e personagem, fazendo, portando, da perícopes uma unidade de sentido coesa.

Diante disso, percebe-se que a perícopes possui um início definido com a chegada das mulheres em Belém, tendo como ponto alto o discurso de Noemi às mulheres da cidade sobre sua aflição. No final da mesma, é apresentada a esperança de Noemi (v.1), que se torna perceptível no v.2. No v.19, entretanto, destaca-se o verbo “chegar”, já no v.2 o verbo “ir”, contrastando o “chegar à cidade” com o “ir ao campo”, ou seja, o “chegar” deixa Noemi próxima da plenitude e torna-se mais concreto com o “ir ao campo” de Rute.

Quanto à crítica da redação,⁴⁴ supõe-se que o livro teria sido escrito em dois períodos. Assim, o Texto base, foi redigido, provavelmente, no séc. 5/4 a.C. por redatores que conheciam bem a literatura e a história de Israel e Judá. Já a Redação de Israel, séc. 3/2 a.C., acrescentou textos com base na obra do cronista. A perícopes em estudo permaneceria, desta forma, no primeiro período, o Texto base.⁴⁵

O livro de Rute, portanto, pode ser situado no cânon tanto entre os Escritos como entre os livros históricos. Percebeu-se que há a possibilidade de dividir o livro em duas partes maiores o “vazio” e a “plenitude” de Noemi e subdividi-lo em cinco cenas. Dentre essas cenas, cena 2 e o início da cena 3, encontra-se a perícopes em estudo, que faz a transição do “vazio” à “plenitude” de Noemi, configurando, assim, um trecho coeso e, ao mesmo tempo, fazendo a articulação literária do livro. Já a crítica da redação entende que o livro foi escrito em dois períodos da história de Israel. O próximo

⁴² Neste trecho o verbo שׁוּב [voltar, retornar] aparece 10 vezes.

⁴³ Cf.: FEE; STUART, 2013, p. 95.

⁴⁴ Cf.: FREVEL, 1992; ZENGER, 1992 apud WITTE, Markus. Das Rutbuch. In: GERTZ, Jan Chr (org.). Grundinformation Altes Testament. 3. ed. ampliada. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2009, p. 462.

⁴⁵ O Texto base compreende quase todo o livro de Rute. Já a Redação de Israel compreende alguns versículos, principalmente a parte final do livro e a genealogia (4.18-22). A partir disso, é possível perceber os “acréscimos”. Porém, é somente uma teoria, pois trata-se de um livro com somente quatro capítulos, o que o torna breve. Logo não há uma posição definitiva a respeito. Mas, em todos os casos, a redação é pós-exílica. Cf.: WITTE, 2009, p. 462.

capítulo, dessa forma, trabalhará a datação e a autoria, que está intimamente ligada à redação e ao objetivo do livro, e o contexto histórico da narrativa.

2.2 CONTEXTO HISTÓRICO

O livro de Rute não menciona a data de redação e nem seu autor, somente que os eventos aconteceram “nos dias em que os juízes governavam” (Rt 1.1). Assim, a pesquisa revela que há duas possibilidades em datar o livro, uma vez no período pré-exílico e outra no pós-exílico. Para uma datação pré-exílica, apoia-se, principalmente, de elementos internos do livro. Assim, o lugar do livro no cânone hebraico não justifica a datação pós-exílica, pois “o estilo literário próprio das narrativas patriarcais, a legislação do levirato e o resgate, o papel das mulheres de dar nome ao recém-nascido”,⁴⁶ remontam a um período mais antigo da história de Israel. Para Dillard e Tremper, não é a lei do levirato que está em jogo no livro, mas, sim, a lei do resgatador,⁴⁷ lei e direito conhecidos no antigo Oriente e Israel. Quanto ao objetivo do livro, ele não utiliza um tom polêmico e é indiferente às políticas de Esdras e Neemias.⁴⁸

Para uma datação pós-exílica, entende-se que o lugar do livro no cânone hebraico é caracterizado pela teologia deste período.⁴⁹ Já a forma como a cerimônia de descalçar as sandálias é apresentada, demonstra que seja uma prática arcaica, quando o livro foi redigido. Da mesma forma o uso errôneo da lei do resgate (Lv 25) e do levirato (Dt 25).⁵⁰ Há, também, uma forte ênfase na família, aspecto legível a uma reação à ruína do estado.⁵¹ Porém, o principal argumento, levando em consideração o objetivo do livro, é que se trata de uma narrativa contra a “expulsão de esposas vindas de países estrangeiros”,⁵² devido às ríspidas políticas pós-exílicas de Esdras (Ed 10) e Neemias (Ne 13.23-27).

A data da redação, portanto, é “uma questão ainda aberta”,⁵³ pois o próprio livro “não oferece critérios seguros para a sua datação”.⁵⁴ Assim, a datação depende do objetivo do livro. Ele pode ser tanto uma narrativa contra as políticas étnicas, como um tratado político para obter a aceitação popular para o reinado de Davi, recorrendo ao agir de Deus nos antepassados de Israel e Davi.⁵⁵ Ambas as possibilidades podem ser incluídas no período pós-exílico, pois a novela de Rute tem em vista o Judá pós-exílico.⁵⁶ Diante disso, a obra cronista é criticada justamente por idealizar Davi,⁵⁷ desconsiderando que ele mesmo é bisneto de uma estrangeira e moabita. O livro de Rute, pelo contrário, incluí-a no

⁴⁶ ANDIÑACH, 2015, p. 436.

⁴⁷ DILLARD; TREMPER, 2006, p. 126.

⁴⁸ Dillard e Tremper entendem que não aparece com clareza nenhuma “condenação explícita sobre o tipo de política praticada por Esdras e Neemias. Por exemplo, quando o resgatador anônimo se recusa a casar com Rute, o livro o degrada implicitamente (Rt 4.6), um embaraço evitável com facilidade, e que se converteria em orgulho, caso ele insistisse em que o casamento com uma moabita seria de qualquer modo inadequado”. Diante disso, Dillard e Tremper entendem que um reexame do objetivo do livro revela o possível contexto pré-exílico. DILLARD; TREMPER, 2006, p. 126.

⁴⁹ ANDIÑACH, 2015, p. 436.

⁵⁰ ZENGER, 2003, p. 189.

⁵¹ DILLARD; TREMPER, 2006, p. 126.

⁵² ZENGER, 2003, p. 190.

⁵³ ANDIÑACH, 2015, p. 436.

⁵⁴ RENDTORFF, 2009, p. 364.

⁵⁵ DILLARD; TREMPER, 2006, p. 127.

⁵⁶ Um dos elementos é a fome (cf.: Rt 1.1 → Ne 5) e o casamento misto (cf.: Rt 4.11-12 → Ed 10.10).

⁵⁷ A Obra Historiográfica Cronista (OHC) “atribui elevado destaque a Davi”. Cf.: SCHMIDT, Werner H. Introdução ao Antigo Testamento. São Leopoldo: Sinodal, 1994, p. 164.

povo de Deus (Rt 1.16) e na história de Israel, comparando-a às matriarcas Raquel e Lia (Rt 4.11), contrapondo à exclusividade étnico-racial judaica, que exclui, entre outros povos, os moabitas da assembleia do Senhor (Dt 23.3).⁵⁸ A genealogia (Rt 4.18-22), que é baseada na própria obra cronista (1Cr 2.4-15), reforça esse argumento, pois, se os estrangeiros fossem excluídos do povo de Deus,⁵⁹ logo não teria existido Davi e nem mesmo a dinastia eterna de Davi (2Sm 7), conseqüentemente toda a história de Judá e Jerusalém teria sido diferente. Assim, o que seria maldição para o cronista e descumprimento da lei para o deuteronomista (Rt 1.4), torna-se em bênção do Senhor no livro de Rute (4.14).

De semelhante modo à datação, a autoria também é uma questão em aberto. O Talmude identifica Samuel como o autor,⁶⁰ localizando o livro, portanto, no período pré-exílico.⁶¹ Para uma autoria pós-exílica, os redatores seriam um grupo de Jerusalém, os quais conheciam bem a tradição oral e a literatura sobre as leis de Israel e Judá,⁶² acompanhando a datação do livro e o local de redação, contrapondo as políticas étnico-raciais pós-exílicas de grupos em Jerusalém, que também eram instruídos na história e na literatura de Israel.

O período histórico da narrativa é conhecido como a Idade do Ferro, que ocorreu, aproximadamente, de 1200 – 1010 a.C. Neste período, a situação mundial estava tranquila, pois nenhum império estava no auge.⁶³ A Palestina, com isso, ficou à mercê de invasões e infiltrações de novos povos. Dentre estes povos, encontram-se a comunidade das doze tribos de Israel,⁶⁴ que buscou organizar-se na terra de Canaã.⁶⁵ A sedentarização das tribos em Canaã, remonta ao período pré-estatal de Israel.⁶⁶ Por não possuírem um governo central, não havia unidade entre as tribos (Jz 1.19-36), somente, na religião de Javé com o santuário, a arca e as festas. Assim, as tribos eram administradas pelos juizes, os quais julgavam uma tribo ou, então, uma região (Jz 1-16) e lideravam um exército popular quando havia ameaças militares.⁶⁷ O período pré-estatal de Israel é marcado por guerras e pelo sincretismo religioso, pois, “naqueles dias não havia rei em Israel; cada um fazia o que parecia certo a seus olhos” (Jz 21.25).

O livro não menciona em qual período da época dos juizes os fatos aconteceram. A partir da narrativa, pressupõe-se que ocorreu numa “era pacífica dos dias em que governavam os juizes”.⁶⁸

⁵⁸ Este trecho é lido e reinterpretado, com mais rigor, para justificar a exclusão de estrangeiros, incluindo os moabitas (cf.: Ne 13.1; Ed 9.1 → 10.10). Essa exclusão se deve ao episódio de Nm 22-25.3.

⁵⁹ A genealogia inicia com Perez e termina com Davi, a qual possui três mulheres estrangeiras como ancestrais: as cananeias Tamar (Gn 38) e Raabe (Mt 1.5), e a moabita Rute (Rt 4.11).

⁶⁰ DILLARD; TREMPER, 2006, p. 127.

⁶¹ Se o livro pretende legitimar o reinado de Davi perante todo o Israel, então não foi Samuel seu autor, pois, isso só foi necessário no período após a sua morte (1Sm 25), quando o reinado sobre todo Israel foi proposto a Davi (2Sm 5).

⁶² WITTE, 2009, p. 462.

⁶³ O Egito passava por um período de retrocesso econômico, por causa do contingente de Povos do Mar, que numa grande onda migratória ameaçaram e tomaram as possessões egípcias na Palestina e, como consequência, o Egito deixou de receber tributos. Na Ásia menor, o Império Hitita desaparecera, e na Mesopotâmia, o Império Assírio estava passando por um período de recessão devido às guerras contra a Babilônia. Cf.: BRIGHT, John. História de Israel. 7. ed. revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2003, p. 217.

⁶⁴ A Hipótese da Anfictionia desenvolvida por Martin Noth, pretende reconstruir como Israel surgiu, que, conforme a hipótese, se formou a partir de doze tribos, as quais encontraram sua unidade a partir da fé em Javé, num santuário central, por meio da arca, e da celebração de festas. O direito comum uniam e orientavam essas tribos, e o exercício desse direito era dever dos juizes menores e, dos juizes maiores, as guerras. Quanto à Hipótese da Anfictionia cf.: GUNNEWEG, Antonius H. J. História de Israel: dos primórdios até Bar Kochba e de Theodor Herzl até os nossos dias. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p. 83-96.

⁶⁵ RÖSEL, 2009, p. 171.

⁶⁶ Aproximadamente 1200-1050 a.C.

⁶⁷ RÖSEL, 2009, p. 171.

⁶⁸ SCHULTZ, Samuel J. A história de Israel no Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 1986, p. 110.

Assim, os fatos aconteceram, provavelmente, no período de oitenta anos de paz entre Israel e Moabe (Jz 3.30). Esse período, contudo, revela hiatos de tempo, se comparado à genealogia de Davi (Rt 4.18-22).⁶⁹ Baseando-se num período de paz, percebe-se que o livro de Rute não relata a presença de um juiz na cidade,⁷⁰ nem mesmo na cena junto à porta da cidade (Rt 4.1), nem faz menção a invasões de povos inimigos. Diante disso, o próprio livro de Juízes não narra uma invasão a Judá e nem mesmo que Judá tivesse interferido militarmente em favor das outras tribos contra povos inimigos.⁷¹ A narrativa, portanto, não pode ser situada num momento exato dentro do período dos juízes, mas revela, em boa medida, a realidade dos habitantes de Judá nessa época.

O livro, dessa forma, não menciona a autoria e nem a data de sua compilação, somente o período em que os fatos aconteceram. Optou-se pela datação pós-exílica, pois o livro faz uma contra narrativa às políticas ético-raciais deste período, utilizando uma ancestral do rei Davi, uma moabita, que entra no povo de Deus e torna-se bisavó do grande rei Davi. Sendo assim, se Rute não tivesse sido resgatada, logo Davi nunca teria nascido e existido. A autoria, com isso, é atribuída a redatores que conheciam bem a literatura e a história de Israel. A narrativa, porém, acontece num período anterior à monarquia, no período pré-estatal, no qual não havia um poder centralizado, mas organizado pelas tribos e julgado pelos juízes. Os fatos, portanto, só podem ser datados aproximadamente, porém, sabe-se que Judá, provavelmente, passou esse período em relativa paz, o que justificaria a ausência de relatos sobre invasões de povos inimigos e de juízes em Judá.

⁶⁹ Se esses oitenta anos de paz forem situados próximos à conquista de Canaã, por causa de Salmom e Raabe, logo faltaria um descendente entre Boaz até Davi. Se esse período de paz for situado entre a conquista e próximo à monarquia, logo faltaria um ou mais descendentes entre Salmom e Boaz.

⁷⁰ O livro de Juízes relata somente sobre um juiz vindo de Belém, Ibsã, que julgou Israel (cf.: Jz 12.8-10).

⁷¹ LAWRENCE, Paul. Atlas Histórico e Geográfico da Bíblia. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008, p. 58.

3 INTERTEXTUALIDADE

O trecho de Rute 1.19-2.2, possui três diferentes tradições de texto. Primeiramente, relata a tradição do êxodo, no qual Noemi e Rute retornam às terras de Belém, porque Deus havia se lembrado de seu povo, dando-lhe pão.⁷² De semelhante modo, Deus lembrou-se de sua aliança (Êx 6.5) e decide resgatar o seu povo da escravidão (Êx 6.6), levando-os à terra da promessa (Êx 6.8).⁷³ Do mesmo modo, assemelha-se ao retorno dos judeus do exílio babilônico (Ed 1.2-3; Ne 2.6,11).⁷⁴ Segundo, a tradição da fragilidade humana, na qual Noemi experimenta a ausência de Deus, causada pela morte do marido e dos filhos (Rt 1.3,5). Neste caso, percebe-se uma relação com Jó, o qual também perde os filhos (Jó 1.18-19). Assim, Noemi é um paradigma do sofrimento feminino, mas também da restauração de Javé. Já a terceira parte, refere-se à tradição jurídica, tendo como pano de fundo a exposição e a prática da lei do levirato e do resgate.

3.1 DE MOABE A BELÉM

O retorno de Noemi e Rute às terras de Belém, é expresso pelo verbo chegar [בוא]⁷⁵ que externa, em meio a outros significados, a proclamação da salvação como retorno à terra (Is 35.10; Ez 34.13).⁷⁶ A narrativa, porém, não faz nenhuma menção ao caminho percorrido por elas e nem a um fato que tivesse ocorrido durante a imigração, mas apenas que chegaram a Belém (Rt 1.19).⁷⁷ Esse retorno [בוא],⁷⁸ Rt 1.22, em muitos casos, está atrelado ao retorno do povo do exílio (Ed 2.1; Ne 7.6; Is 10.22)⁷⁹, similar ao retorno de Noemi, que é concretizado ao chegar em Belém. A cidade de Belém⁸⁰ é associada,

⁷² O livro de Rute inicia com uma realidade conhecida ao povo de Israel, a fome (Rt 1.1). Esse fato resultou na emigração de Elimeleque e família às terras de Moabe (Rt 1.1), permanecendo lá por dez anos (Rt 1.4). Do mesmo modo, os patriarcas também haviam emigrado em busca de alimento: Abraão emigrou ao Egito (Gn 12.10), Isaque a Gerar, terra dos filisteus, (Gn 26.1) e Jacó e toda a sua descendência ao Egito (Gn 46.6). Jacó e seus descendentes permaneceram no Egito, multiplicando-se e tornando-se, conseqüentemente, um grande povo (Êx 1.6) e, por causa disso, tornaram-se escravos do Faraó no Egito (Êx 1.8-14). Lá permaneceram cativos por 430 anos (Êx 12.40).

⁷³ Deus não se esqueceu do seu povo e nem de sua aliança (Êx 6.6), mesmo que em muitas ocasiões o povo tenha se esquecido dele (Jz 3.7; 1Sm 12.9).

⁷⁴ O texto de Esdras e Neemias faz menção ao retorno do povo Judeu do exílio babilônico a Jerusalém. Esse retorno é possível por meio do decreto de Ciro, rei da Pérsia, (Ed 1.1), dando a oportunidade ao povo judeu de retornar a Jerusalém (Ed 1.3), após o exílio babilônico, que aconteceu sob o poder de Nabucodonosor, rei da Babilônia, (2Rs 25). Esses relatos aconteceram no período próximo à compilação do livro de Rute. Esse pano de fundo torna-se visível durante a narrativa, na qual é retomado toda a questão da justiça aos desafortunados.

⁷⁵ O verbo בוא é usado cerca de 2570 vezes, sendo o quarto verbo de maior ocorrência no AT. O verbo ocorre de diferentes formas no AT, porém quatro formas destacam-se teologicamente. Primeiramente, o verbo é identificado no sentido de que Deus vem ao encontro do seu povo. Essa chegada de Deus pode acontecer no culto (Êx 20.24), por meio de uma nuvem (Êx 19.9) e, também, em sonho (1Sm 3.10). Segundo, relacionado com o tema do cumprimento da promessa, demonstrando o domínio de Deus sobre a história (Js 23.15), tanto no passado, que já foram cumpridas, (Is 42.9) como no futuro, que ainda serão cumpridas, (Is 41.22). Terceiro, relacionado ao Messias, o qual “vem e trará a salvação” (Ez 21.27) e virá no tempo do castigo final (Ez 21.25), trazendo alegria, justiça e salvação (Zc 9.9). Quarto, o ser humano que vem ao santuário para orar e trazer sacrifícios (Dt 12.5; 2Sm 17.8), dentre os quais, estrangeiros também poderiam chegar (1Rs 8.41). Cf.: MARTENS, Elmer A. בוא. In: HARRIS, R. Laird (org.). Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 155-157.

⁷⁶ MARTENS, 1998, p. 157.

⁷⁷ Pelo fato delas terem saído dos campos de Moabe (Rt 1.22), reforça o fato, de que elas, provavelmente, atravessaram o rio Jordão, assemelhando-se, desta forma, com a saída do povo de Israel do Egito, atravessando o mar Vermelho (Êx 14.15-25) e, mais tarde, o rio Jordão (Js 3-4). Cf.: Mapa. LAWRENCE, 2008, p. 55.

⁷⁸ O verbo בוא ocorre 12 vezes no trecho de Rt 1.6-22. Fortalecendo o fato de que Noemi e Rute retornaram/voltaram para Belém.

⁷⁹ CHAMBERLAN, Gary. Return. In: BROMLEY, Geoffrey W. (org.). The International Standard Bible Encyclopedia. v. 4. Michigan: Grand Rapids, 1988, p. 159.

⁸⁰ Belém foi fundada, provavelmente, por Hur, filho de Judá, o qual era denominado “o primogênito de Efrata e pai de Belém” (1Cr 4.4). No caminho de Efrata, Belém, Raquel, esposa do patriarca Jacó, foi sepultada (Gn 35.19; 48.7). Devido a Davi,

principalmente, ao rei Davi.⁸¹ Porém, uma das histórias mais tristes envolvendo crimes contra mulheres, tanto no AT como no NT, acontece com uma belamita, a qual é forçada e abusada por homens de Benjamim (Jz 19.25).⁸² No livro de Rute, entretanto, Belém é palco de cuidado e respeito às mulheres, no qual elas podem se sentir seguras (Rt 2.8,22), sob a proteção de Deus (Rt 2.12) e mesmo quando há oportunidade de abuso (Rt 3.8), este não acontece (Rt 3.10).

3.2 AS MULHERES SOB AS ASAS DE DEUS

Quando Noemi e Rute chegam a Belém,⁸³ são recebidas pelo alvoroço dos moradores da cidade (Rt 1.19). O alvoroço leva as mulheres⁸⁴ à pergunta “é esta Noemi?” (Rt 1.19).⁸⁵ A condição atual de Noemi [נְעֻמִי],⁸⁶ leva-a a constatar que a sua situação não corresponde mais ao significado de seu nome,⁸⁷ por isso, decide mudar o seu nome. A mudança de nome no AT, tinha a função, normalmente, de iniciar a pessoa numa nova relação ou realidade, assumindo, desta forma, uma nova identidade⁸⁸ e, conseqüentemente, “um novo começo, uma nova oportunidade, uma nova posição, uma nova pessoa”⁸⁹ (tradução nossa). Normalmente é Deus o sujeito da mudança de nome,⁹⁰ porém, neste caso, é a própria Noemi que muda o seu nome, pois, na mentalidade e na realidade semítica, “nomes significam não apenas uma identidade pessoal, mas a própria realidade que ele designa. Nome e existência são a mesma realidade”.⁹¹ Para Noemi, portanto, “o nome Amarga [אֲמָרָה]”⁹² parecia mais

criou-se toda a esperança messiânica que ocupava um lugar central na teologia escatológica de Israel, a qual indicava Belém como o lugar de onde o Messias viria e reinaria (Mq 5.2). Essa expectativa messiânica cumpre-se no NT, em Jesus Cristo (Mt 2.5).

⁸¹ Belém foi o lar do rei Davi (1Sm 17.12) e local onde foi ungido rei por Samuel (1Sm 16.4,13).

⁸² Esse triste episódio ocorreu nas terras da tribo de Benjamim, após o levita ter ido à Belém buscar a sua concubina (Jz 19.3,9), que voltara para casa de seu pai (Jz 19.2). Retornando para as montanhas de Efraim, onde era sacerdote na casa de Milca, consagrada aos deuses (Jz 17.5), mas como já era tarde decidiram pernoitar em Gibeá, que pertence à tribo de Benjamim (Jz 19.15). Nesta cidade, porém, aconteceu toda a trágica história, na qual os homens de Benjamim queriam o levita (Jz 19.22), mas este acabou entregando-lhes a sua concubina, a qual foi violentada a noite toda por eles e morre (Jz 25-27). Esse trágico episódio culminou na guerra/matança, que quase exterminou a tribo de Benjamim (Jz 20).

⁸³ Elas chegaram, provavelmente, à porta da cidade, pois, “frequentemente, as cidades e aldeias estavam dispostas em forma de círculo, de modo que a porta era o único acesso à localidade. Isso era intencional, para se poder observar o trânsito e, se necessário, também regulá-lo”. GRÜN WALDT, Klaus. Olho por olho, dente por dente?: o Direito no Antigo Testamento. São Paulo: Loyola, 2009, p. 86.

⁸⁴ Do mesmo modo que as mulheres comentam o triste retorno de Noemi (Rt 1.19), também comentam sobre a sua alegria (Rt 4.14,17).

⁸⁵ Quando Jesus entra em Jerusalém, na entrada triunfal, toda a cidade se alvoroçou e perguntavam: quem é este? E as multidões clamavam: este é o profeta Jesus (Mt 21.10-11).

⁸⁶ A raiz do termo נעם relaciona-se também para descrever Deus ou, então, o seu nome (Sl 24.4; 90.17; 135.3; 147.1).

⁸⁷ O nome com muita frequência indicava uma característica básica da coisa nomeada. Cf.: COPPES, Leonard J. אֲמָרָה . In: HARRIS, R. Laird (org.). Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 1365.

⁸⁸ NEUMANN, Klaus. Nome. In: BERLEJUNG, Angelika; FREVEL, Christian (orgs.). Dicionário de termos teológicos fundamentais do Antigo e do Novo Testamento. São Paulo: Paulus; Ipiranga: Loyola, 2011, p. 324.

⁸⁹ The new name signifies a new beginning, a new opportunity, a new position, a new person. HAWTHORNE, Gerald F. Name. In: BROMLEY, Geoffrey W. (org.). The International Standard Bible Encyclopedia. v.3. Michigan: Grand Rapids, 1986, p. 481.

⁹⁰ Abrão → Abraão (Gn 17.5); Sarai → Sara (Gn 17.15); Jacó → Israel (Gn 32.28). A mudança de nome estava atrelada a uma nova função/chamado.

⁹¹ BENDER, Jorge; SILVA, João Artur Müller da (orgs.). Soletrando a fé: conceitos cristãos de A-Z. São Leopoldo: Sinodal, 2016, p. 63.

⁹² O adjetivo אֲמָרָה (amargo, forte) é comumente usado “no sentido figurado para exprimir a reação emocional a uma situação destrutiva e arrebatadora de emoções. Cf.: HAMILTON, Victor P. אֲמָרָה . In: HARRIS, R. Laird (org.). Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 880.

apropriado do que Noemi ('agradável')⁹³ (tradução nossa), pois a sua realidade estava mais para "Amargurada" do que para "Agradável".⁹⁴

Essa relação entre realidade e nome, é atribuída ao sofrimento de Noemi. Assim "como Jó e os lamentos salmistas, Noemi não fica calada em sua aflição. Ela sente-se abandonada, apesar de crer na bondade de Deus".⁹⁵ Deus, contudo, não está ausente na história, mesmo Noemi e Rute não percebendo. Deus concede misericórdia à perda de Noemi, conferindo-lhe o compromisso com Rute. Do mesmo modo, Deus concede à Rute esperança para o presente e para o futuro que está estreitamente ligado à Noemi e a Deus. Sendo ambas, desta forma, um canal da graça divina à outra.⁹⁶

O sujeito de toda essa amargura é o próprio Todo-Poderoso [יְהוָה].⁹⁷ Foi com este nome que Deus se revelou aos patriarcas,⁹⁸ principalmente no contexto da aliança, que suscitaria a bênção. Já o sujeito de todo o seu vazio é Javé [יְהוָה]. Com este nome, Deus revelou-se a Moisés no deserto do Sinai (Êx 3.13-14).⁹⁹ O nome de Deus, Javé é atrelado a "quem está presente, que vê, ouve, conhece o sofrimento e age em favor".¹⁰⁰ Esse agir resgatador e benevolente de Deus está oculto aos olhos de Noemi, somente estão-lhe visíveis a aflição¹⁰¹ e o mal.¹⁰² Esse paralelo – Javé e Todo-Poderoso (Rt 1.21) – é perceptível também no livro de Jó.¹⁰³ Mesmo Noemi experimentando o mal, ela "crê que Deus é o Senhor acima da aflição e libertação. Tudo o que acontece no final das contas deve derivar do caráter de Deus".¹⁰⁴ Noemi, entretanto, experimenta o agir misterioso e arbitrário de Deus, no qual ele encobre/esconde o seu rosto (Is 45.15).¹⁰⁵ Assim como Noemi, o povo de Deus também experimentou o

⁹³ The name Bitter seemed more appropriate than Naomi ("pleasant"). HAWTHORNE, 1986, p. 481.

⁹⁴ A mudança de nome, mantém, em muitos casos, uma relação fonética ou semântica do termo. Cf.: WOUDE, A. S. van der. *W. JENNI, Ernst; WESTERMANN, Claus. Theologisches Wörterbuch zum Alten Testament. v.2. München: Kaiser; Zürich: Theologischer Verlag, 1984. p. 944.* Essa relação proporciona um jogo de palavras, que, neste caso, corresponde, no português, à: Agradável → Desagradável.

⁹⁵ HOUSE, Paul R. *Teologia do Antigo Testamento.* São Paulo: Vida, 2005, p. 585.

⁹⁶ HOUSE, 2005, p. 585. A esperança de Noemi está relacionada a um descendente, pois ela, provavelmente, não poderia mais ter filhos (Rt 1.12), o que corresponde à esperança para outras mulheres que também não possuíam descendentes, mas, mesmo assim, Deus lembrou-se delas: Sara (Gn 21.1-7); Lia (Gn 29.31); Raquel (Gn 30.22); a mãe de Sansão (Jz 13.1-3) e Ana (1Sm 1.1-2.10).

⁹⁷ Este é um dos nomes, cujos Deus se revelou no AT. A forma shadday é empregada cerca de "48 vezes no AT. Na maioria das vezes, aparece em Jó (31 vezes), nos lábios de quase todas as personagens dessa história: Elifaz (5.17); Jó (6.4); Bildade (8.3); Zofar (11.7); Eliú (32.8); o Senhor (40.2). Dessas 48 vezes, shadday é antecipado por 'el → 'Deus', em sete ocasiões: [Gn 17.1; 28.3; 35.11; 43.14; 48.3; Êx 6.3; Ez 10.5]. Nas 41 vezes restantes, shadday aparece sozinho". Cf.: HAMILTON, Victor P. *יְהוָה*. In: HARRIS, R. Laird (org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento.* São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 1529.

⁹⁸ Abraão (Gn 17.1); Isaque (Gn 28.3); Jacó (Gn 35.11; 43.14; 48.3) e José (Gn 49.25).

⁹⁹ Deus revela-se a Moisés como o "EU SOU O QUE SOU" [אֲנִי הָאֵלֹהִים יְהוָה אֲשֶׁר אֲנִי]. Javé é um Deus "que vem do deserto e acompanha um povo que caminha para a liberdade. Jamais pode ser enquadrado num templo, instituição ou conceito". BENDER; SILVA, 2016, p. 63.

¹⁰⁰ BENDER; SILVA, 2016, p. 63.

¹⁰¹ Dentre os vários significados do verbo *יָצַח*, no tronco Piel ele designa "aquilo que alguém faz ao inimigo". Cf.: COPPES, Leonard J. *יָצַח*. In: HARRIS, R. Laird (org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento.* São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 1144.

¹⁰² Dor causada pela perda da família. Cf.: LIVINGSTON, G. Herbert. *יָצַח*. In: HARRIS, R. Laird (org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento.* São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 1441.

¹⁰³ Em 19 passagens, o livro de Jó faz o paralelo entre Javé, Deus e Espírito de Deus com Todo-Poderoso. Destas, 11 vezes aparece Deus e o Todo-Poderoso fazendo o "mal" no ser humano (Jó 6.4; 22.17; 23.16; 27.2,10,11,13; 31.2; 34.12; 35.13; 40.2). Em outras cinco passagens, é destacado o agir de Deus e do Todo-Poderoso com o "bem" (Jó 5.17; 8.5; 13.3; 22.26; 33.4). Numa passagem, Bildade coloca em dúvida se Deus poderia ou não perverter o direito e se o Todo-Poderoso poderia ou não perverter a justiça (Jó 8.3). Na medida em que o livro chega a seu final, percebe-se que Deus e o Todo-poderoso não agem injustamente (Jó 34.12; 35.13).

¹⁰⁴ HOUSE, 2005, p. 585.

¹⁰⁵ O Deus oculto compreende ao agir misterioso de Deus, no qual ele age de forma incompreensível e incoerente ao que é "normal" para o agir de Deus. Para Lutero, "Deus faz muitas coisas que não nos mostra através de sua palavra. Ele também quer muitas coisas que não mostra querer através de sua palavra. Assim ele não quer a morte do pecador, a saber, de acordo com sua palavra, mas a quer de acordo com aquela vontade imperscrutável. Assim sendo, porém, nós devemos fixar os olhos na Palavra e deixar de lado aquela vontade imperscrutável. Pois é preciso que sejamos dirigidos pela Palavra, não por aquela vontade imperscrutável. [...] De maneira nenhuma nos é permitido procurar saber, desejar, tratar

agir oculto de Deus (Is 8.17), que consumou no exílio, mas, mesmo assim, a misericórdia eterna de Deus é maior, porque ele resgata o seu povo, pois Deus é o Redentor de Israel (Is 54.8). De semelhante modo, Deus conduz a história de Noemi, trazendo-a novamente para Belém, onde a sua “plenitude” é consequência da misericórdia de Deus, que transforma a sua “amargura” em “alegria”, dando-lhe novamente sentido a seu nome, a “Agraciada”, (Rt 4.14-17).¹⁰⁶

O agir misericordioso e redentor de Deus também alcança Rute [רות],¹⁰⁷ libertando-a de seus deuses (Rt 1.15) e incluindo-a no povo de Deus (Rt 1.16). Assim como Noemi, Rute também estava viúva e sem resgatador, pois seu cunhado também morrerá (Rt 1.5). Por isso, “a devoção incondicional de Rute (1.16!) permite que Noemi sobreviva. Viúva sem filho, é vista pela sociedade como pessoa morta, sua vida já não é digna de viver. Somente a afeição de Rute é que lhe dá coragem para continuar”.¹⁰⁸ O livro de Rute não expressa, de forma expressiva, dados biográficos sobre Rute,¹⁰⁹ somente relata, em vários momentos, a sua nacionalidade (Rt 1.4,22; 2.2,6,21; 4.5,10). Isso se deve, talvez, pela relação conturbada entre Israel e Moabe. Aos olhos dos judeus, moabitas são “impuros”, devido a sua origem incestuosa (Gn 19.30-37). Os laços relacionais, romperam-se de fato, quando Moabe impediu a passagem do povo de Israel por suas terras na Transjordânia (Dt 2.27-29). A partir de então, os moabitas foram proibidos de participar da Assembleia do Senhor (Dt 23.4; Ne 13.1).¹¹⁰

Moabe foi o palco de cenas importantes para a história de Israel. Foi em Moabe que se passou toda a narrativa do Deuteronômio (Dt 1.5), local da renovação da Aliança (Dt 29.1) e da morte e sepultamento de Moisés (Dt 32.49; 34.1-6). Deus mesmo concedeu herança a Moabe, por causa de Ló, por isso, Israel não deveria provocar guerras e nem tirar as suas terras (Dt 2.9; Jz 11.15,18).¹¹¹ As mulheres moabitas, contudo, eram vistas como sedutoras, que desviavam o povo para falsos deuses (Nm 25.1-2; 1Rs 11.1,7,33), por isso, casar-se com uma moabita era considerado uma abominação (Ed 9.1-4; Ne 13.23,25-27). O livro de Rute, pelo contrário, não repreende o casamento com mulheres moabitas, mas apresenta o casamento de Boaz e Rute como exemplar e correspondente ao desejo de

ou tocar; apenas devemos teme-lo e adorá-lo”. Cf.: LUTERO, Martinho. Da vontade cativa. In: Obras selecionadas: Debates e controvérsias II. v. 4. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1993, p. 101-102.

¹⁰⁶ Todo o encontro entre Rute e Boaz é acompanhado e tramado por Noemi, sem ela, e muito menos sem o agir de Deus, Boaz, talvez, não teria resgatado Rute e nem Noemi (Rt 2.20, 22; 3.1-4,18). Diante disso, o livro de Rute termina narrando a “plenitude” de Noemi, contrapondo a sua chegada “vazia” em Belém (Rt 1.20-21 → 4.14-17).

¹⁰⁷ “Amiga”, “Companheira”.

¹⁰⁸ GRADL, Felix; STENDEBACH, Franz Josef. Israel e seu Deus: guia de leitura para o Antigo Testamento. São Paulo: Loyola, 2001, p. 87.

¹⁰⁹ Cf.: LOPES, Mercedes. O livro de Rute. In: RIBLA: Escritos. n. 52. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 93.

¹¹⁰ Neste contexto, Balaque mandara chamar Balaão para amaldiçoar o povo de Israel, com a finalidade de vencê-los e expulsá-los da terra (Nm 22.6). Balaão, porém, não consegue amaldiçoar Israel, apenas abençoá-los, por meio de cinco profecias (Nm 22-24). Mesmo assim, quando Israel foi morar em Sitim (Nm 25.1), o povo adorou e sacrificou aos deuses moabitas.

¹¹¹ Os moabitas, contudo, tornaram-se vassalos de Israel: sob Eúde (Jz 3.12-31) e sob Davi (2Sm 8.2). Davi tinha uma relação próxima a Moabe: bisneto de Rute, moabita, (Rt 4.21; Mt 1.5); levou sua família para morarem nas terras de Moabe (1Sm 22.3).

Deus.¹¹² Mesmo Rute não fazendo parte “da raça santa” (Ed 9.2), “a bênção divina não lhe é negada. A afiliação formal (povo, religião) é transcendida na humanidade vivida”.¹¹³

3.3 O PARENTE JUSTO

Rute, desta forma, não é somente incluída no povo de Israel, mas também na família. A família [בֵּית אֲבוֹתָי], além do círculo de parentes sanguíneos, significava, também, “subdivisão de um grupo maior, tal como uma tribo ou uma nação”.¹¹⁴ As famílias na Palestina eram de estrutura patrilinear, patriarcal e patrilocal, ou seja, a linha genealógica do pai era continuada e ele tinha poder sobre seus filhos.¹¹⁵ Neste contexto, as mulheres eram adicionadas à nova família por meio do casamento.¹¹⁶ Elas eram estranhas na família e subordinadas à sogra, a mulher de posição hierárquica mais alta na família. As mulheres, no entanto, só melhoravam sua posição quando davam “à luz um filho que era seu aliado e com o qual tinham dentro da família [...] a relação emocional mais estreita”.¹¹⁷ Assim, uma mulher sem um chefe masculino era inimaginável, por isso, tentava-se integrar as mulheres viúvas novamente numa família, seja fazendo-a voltar à casa de seus pais (Gn 38.11; Rt 1.8,13-14), seja casando-a novamente segundo as leis do levirato.¹¹⁸ O casamento de levirato,¹¹⁹ todavia, só era possível a viúvas sem filhos.¹²⁰ Neste contexto familiar e genealógico, a morte de uma genealogia significava a morte “definitiva de uma família, inclusive de seus falecidos. Contudo, uma família constitui-se não só pela genealogia, mas também pela posse da terra de herança com as sepultura dos ancestrais. Com a continuação da genealogia, também a terra de herança permanece na posse familiar”,¹²¹ pois o primogênito desse casamento receberia a herança.

¹¹² GRADL; STENDEBACH, 2001, p. 87. Diante disso, Rute é bem recebida pelo povo de Belém (Rt 1.19), sua benevolência para com Noemi é elogiada (Rt 2.11), é bem recebida e ajudada por Boaz (2.14-15), é considerada uma mulher virtuosa (Rt 3.11), é comparada às matriarcas de Israel, Raquel e Lia, edificando a casa de Israel (Rt 4.11), sendo abençoada por Deus, gerando um filho (Rt 4.13), Obede, avô do grande rei Davi (Rt 4.17). Com uma cena semelhante a sua ancestral, mãe dos moabitas, Rute também poderia ter “abusado” de Boaz e ter engravidado, porém “ela não o embebeda; simplesmente vai até ele depois de ele ter bebido” e, como Boaz, não se aproveita da situação. Cf.: MILES, Jack. Deus: uma biografia. São Paulo: Companhia das letras, 1997, p. 383.

¹¹³ Na tradição cristã, Rute é honrada de forma especial, “na medida em que é citada entre as ascendentes de Jesus (Mt 1.5). Para os Pais da Igreja, ela é multiplamente vista como tipo da Igreja dos gentios que por seu modo de vida exemplar conseguem participação na obra salvífica de Cristo. A partir da Idade Média a iconografia apodera-se de sua figura”. Cf.: GRAD; STENDEBACH, 2001, p. 87.

¹¹⁴ AUSTEL, Hermann J. בֵּית אֲבוֹתָי. In: HARRIS, R. Laird (org.). Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 1601-1602. Já o “vocábulo que designa os moradores de uma única casa é geralmente bêt, ‘casa’, ‘pessoas da casa’, ou bêt ‘ab, ‘casa do pai’”. Cf.: AUSTEL, 1998, p. 1601.

¹¹⁵ BERLEJUNG, Angelika. Família. In: BERLEJUNG, Angelika; FREVEL, Christian (orgs.). Dicionário de termos teológicos fundamentais do Antigo e do Novo Testamento. São Paulo: Paulus; Ipiranga: Loyola, 2011, p. 224.

¹¹⁶ Sobre o casamento, indica-se o vídeo “o casamento nos tempos bíblicos”, especialmente dos min. 14.33 à 17.00. Cf.: EVIDÊNCIAS NT. O casamento nos tempos bíblicos. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WiVSxaOUrSs&t=735s>>. Acesso em: 04 jun. 2017.

¹¹⁷ BERLEJUNG, Família, 2011, p. 224. A mulher possuía um alto prestígio social, quando “cumpria obediente e silenciosamente suas obrigações, estava à disposição como mão de obra, fazia reinar na casa harmonia e calma, apoiava seu marido construtivamente, reconhecia a autoridade dele e, com essa conduta, dava continuidade às estruturas e tradições familiares estabelecidas (Pv 31)”. Cf.: BERLEJUNG, Família, 2011, p. 224.

¹¹⁸ No livro de Rute, no entanto, percebe-se que Noemi e Rute escolhem o seu resgatador (Rt 2.20; 3.9).

¹¹⁹ O termo levirato provém do latim, “por meio da Vulgata, que traduz o termo ‘cunhado’, ou ‘irmão do marido’ (בֵּית אֲבוֹתָי), de Deuteronômio 25.5, por levir”. Cf.: BENTHO, Esdras Costa. A família no Antigo Testamento: história e sociologia. Rio de Janeiro: Casa Publicadora, 2011, p. 69. O costume do levirato não era exclusivo em Israel, mas “esse costume tinha paralelos em outros povos, e especialmente entre os vizinhos de Israel”. Assim sendo, é possível que em Moabe também existia uma forma parecida de resgate, que, possivelmente, não foi cumprida por causa da morte do cunhado de Rute (Rt 1.5). Cf.: VAUX, Roland de. Instituições de Israel no Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 61.

¹²⁰ BERLEJUNG, Angelika. Viúva. In: BERLEJUNG, Angelika; FREVEL, Christian (orgs.). Dicionário de termos teológicos fundamentais do Antigo e do Novo Testamento. São Paulo/Ipiranga: Paulus/Loyola, 2011, p. 224.

¹²¹ OTTO, Eckart. A Lei de Moisés. São Paulo: Loyola, 2011, p. 164.

Nesse contexto familiar, Boaz [בועז] é apresentado, num primeiro momento, apenas como um parente de Elimeleque e não como resgatador [גואל] ¹²² ou cunhado [כַּחַתָּן], ¹²³ pois havia outro parente mais próximo do que ele (Rt 3.12). Pelo fato deste abdicar do resgate, Boaz assume essa responsabilidade, comprando a propriedade de Noemi (Rt 4.9) e casando-se com Rute, suscitando, desta forma, nome ao falecido (Rt 4.10). Sua atitude ¹²⁴ é coerente com a Lei de Moisés, exercendo a lei do levirato e do resgate, defendendo, portanto, a causa da viúva e da estrangeira (Dt 10.18). Esse exemplo, faz de Boaz um arquétipo “de justiça da qual tanto fala a Bíblia”. ¹²⁵ Essa atitude exemplar é perceptível no seu cotidiano e na sua propriedade, na qual se deixam espigas caídas (Lv 19.9; 23.2 → Rt 2.3,9,15,16) e feixes esquecidos (Dt 24.19 → Rt 2.16). ¹²⁶

A colheita [קציר] ¹²⁷ é o pano de fundo tanto da chegada de Noemi e Rute a Belém (Rt 1.19) como do encontro entre Rute e Boaz (Rt 2.3,5,8). Para que a colheita fosse possível, no entanto, ela dependia exclusivamente da bênção de Deus, pois é ele quem “dá a seu tempo a chuva, a primeira e a última, que nos conserva as semanas determinadas da sega” (Jr 5.24). Diante disso, as primeiras chuvas começavam, normalmente, na metade de outubro, mas poderiam atrasar até janeiro, permitindo a aragem do solo. Assim,

as principais culturas, o trigo e a cevada, eram semeadas nessa época. A chuva continua a cair periodicamente ao longo de todo o inverno, culminando com as chuvas serôdias em abril ou início de maio, que fazem os grãos dos cereais incharem pouco antes da colheita. A cevada ¹²⁸ era menos valorizada do que o trigo, mas tinha a vantagem de crescer em solos mais pobres e ser colhida mais cedo. A colheita da cevada [Rt 1.22] coincidia com a festa da Páscoa, no final de março ou em abril e a do trigo [Rt 2.23] com a festa de Pentecostes, sete semanas depois. ¹²⁹

O ciclo agrícola, desta forma, incluía as principais festas do antigo Israel. ¹³⁰ Dentre essas, encontrava-se a festa da Colheita, também denominada festa das Semanas e Pentecostes. ¹³¹ Essa festa está ligada à história da salvação do povo de Israel, pois marca o momento em que chegaram ao

¹²² Devido a sua pobreza, Noemi teve de vender a sua propriedade (Lv 25.25 → Rt 4.3). Diante disso, o parente anônimo ficou obrigado, segundo a lei, de comprá-lo de volta para ela (Lv 25.25 → Rt 4.4). Ele, porém, “estava disposto a fazer isto a favor da viúva de seu irmão, que ficara sem filhos. No final das contas, a terra presumivelmente seria devolvida a ele, de alguma forma”. Entretanto, quando soube que deveria resgatar Rute também, para suscitar herança ao nome do falecido (Rt 4.5), ele recusou, justamente porque a propriedade de Noemi seria para herança desse filho (Rt 4.6). Cf.: HARRIS, R. Laird. גואל. In: HARRIS, R. Laird (org.). Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 236.

¹²³ O cunhado tinha a função de resgatar a cunhada, caso ela não tivesse filhos, para suscitar filhos ao seu falecido irmão. Este, tornar-se-ia filho do seu irmão e, com isso, continuaria a sua descendência (Dt 25.5-6 → Rt 4.5). O cunhado/parente mais próximo tinha o direito de recusar o resgate (Dt 25.7 → Rt 4.6b). Se isso acontecesse, a cunhada/parente deveria subir à porta da cidade e convocar os anciãos e explicar o caso (Dt 25.7 → Rt 4.1-2). Então, para confirmação do acordo, a cunhada/parente descalçava os sapatos do cunhado/parente e cuspiam no seu rosto (Dt 25.9 → Rt 4.7-8 – o próprio parente descalça o sapato e entrega-os a Boaz).

¹²⁴ Em todo o livro de Rute, Boaz age com benevolência em relação aos segadores (Rt 2.4), às mulheres (Rt 2.8-9) e à Noemi e Rute (Rt 3.10,17). Também é apresentado como temente a Deus (Rt 2.12), observador da Lei (Rt 4), rico (Rt 2.1), mas não apegado às riquezas (Rt 2.16; 3.15). A atitude de resgatador de Boaz “tem sido vista como que apontando para Cristo, o redentor da humanidade”. Cf.: MARTENS, Elmer A. כַּחַתָּן. In: HARRIS, R. Laird (org.). Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 198. Mas, ainda no AT, Deus mesmo já era chamado de go'el, “o vingador dos oprimidos e salvador de seu povo” (Jó 19.25). Cf.: VAUX, 2004, p. 44.

¹²⁵ MARTENS, 1998, p. 198.

¹²⁶ Boaz não somente cumpre a Lei, mas ele vai além, ele faz com que a Lei seja cumprida e observada (Rt 2.8-9,14). No NT Jesus não somente cumpre a Lei, como também a aprova (Mt 5.17-20).

¹²⁷ Quanto à colheita nos tempos bíblicos, indica-se a visualização do vídeo “a vida nos tempos de Jesus – parte 1”, especialmente dos min. 02.45 aos 12.36. EVIDÊNCIAS NT. A vida nos tempos de Jesus – parte 1. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dJI9PdagEPs&t=846s>>. Acesso em: 04 jun. 2017.

¹²⁸ A cevada era normalmente usada pelos pobres. Cf.: HARRIS, R. Laird. כַּחַתָּן. In: HARRIS, R. Laird (org.). Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 1487.

¹²⁹ LAWRENCE, 2008, p. 53.

¹³⁰ Quanto ao ciclo agrícola do antigo Israel e suas principais festas, cf.: LAWRENCE, 2008, p. 54.

¹³¹ Os cristãos relacionam o Pentecostes com a descida do Espírito Santo, que ocorreu no dia de Pentecostes, festa judaica, marcando o início da Igreja cristã (At 2.1-4). Assim, tanto os judeus como os cristãos comemoram Pentecostes sete semanas/cinquenta dias após a páscoa, porém, com ênfases diferentes.

Sinai, no terceiro mês após a saída do Egito (Êx 19.1), e no meio desse terceiro mês fez-se a festa da Colheita em comemoração à Aliança¹³² e à “entrega dos Dez mandamentos a Moisés no monte Sinai”.¹³³

3.4 CONCLUSÃO

O trecho em estudo tem como palco a cidade de Belém e pano de fundo o retorno de Noemi e Rute a Belém, toda a fragilidade humana e a questão jurídica em Israel. Essas três tradições perpassam ao longo de toda a narrativa e do livro com um todo. Assim, tanto o trecho em estudo como o livro demonstram de forma prática como a Lei deveria ser cumprida em Israel. Por isso, não se faz nenhuma menção a um santuário ou ao Templo,¹³⁴ pois a Lei deveria ser observada e praticada aos menos afortunados. Diante disso, onde a Lei é observada, as mulheres podem se sentir seguras e protegidas sob as asas de Deus (Rt 2.12 → Jz 19.25-27). Onde a Lei é observada não existe “raça santa” no sentido étnico-racial, mas somente é “santo”, aquele que vive segundo a vontade de Deus (Lv 19.1).

Noemi, mesmo se sentido “abandonada” por Deus, confia na benevolência do Senhor e volta a Belém, onde o seu “vazio” é expressado em palavras às mulheres da cidade, relatando como Deus escondeu o seu rosto de sua vida. Diante disso, Noemi é um paradigma feminino de sofrimento, mas experimenta, também, a justiça e a presença divina, que a inclui novamente dentro da família, transportando-a do “vazio” à “plenitude”.

¹³² A ligação entre a festa das Semanas e a comemoração da Aliança, tornou-se “explícita no livro dos Jubileus, que põe no dia da festa das Semanas todas as alianças que ele encontra no Antigo Testamento, desde Noé até a do Sinai”. Cf.: VAUX, 2004, p. 530. O livro do Jubileu foi “produzido por um grupo que está em oposição ao Israel infiel e helenizado”. Cf.: LOPEES, Mercedes. Por causa da esperança: uma relação entre Jubileu e Apocalíptica. In: Estudos Bíblicos. O ano do jubileu. n. 58. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1998, p. 64.

¹³³ BENDER; SILVA, 2016, p. 101.

¹³⁴ Esse silêncio em torno do Templo e de Jerusalém é revelador, conforme Lopes, pois “justamente numa época em que os dirigentes concentravam seus esforços na organização do judaísmo em torno do templo, da lei e da raça. Neste contexto, a história de Rute e Noemi não faz referência ao templo. Quanto à lei, somente resgata aquelas que garantem os direitos dos pobres e abrem uma perspectiva para a inclusão das mulheres estrangeiras”. Cf.: LOPES, 2005, p. 93-94.

4 CONTEXTUALIZAÇÃO

4.1 ANÁLISE DA RECEPÇÃO

O texto em estudo, a partir do judaísmo, está relacionado com a terra de Israel. Essa terra tem um significado especial, a qual, segundo um mestre judaico, “foi criada primeiramente, e o restante do mundo foi criado depois”¹³⁵ (tradução nossa). A partir disso, entende-se que alguém só poderia deixar as terras em últimos casos, mesmo em meio à crise.¹³⁶ Neste sentido, é citado o exemplo de Elimeleque, o qual deixou com sua família as terras de Israel devido à fome. Por causa disso, conforme alguns mestres judaicos, Elimeleque e sua família foram castigados. Assim, o que aconteceu com Noemi¹³⁷ ao retornar para Belém, sem nada e amargurada é consequência do abandono da terra de Israel.¹³⁸

Como já foi visto, o livro é lido na festa das Semanas. No período pré-exílico, essa festa não tinha uma importância destacada, pois, em grande medida, ela foi substituída pelo culto e pelos sacrifícios.¹³⁹ Já no período pós-exílico, a festa das Semanas estaria ligada à renovação da Aliança, a qual é confirmada pela tradição do Livro do Jubileu, no qual a festa recebe, além do caráter agrário, um caráter ligado à salvação no AT, isto é, a Aliança.¹⁴⁰ Porém, segundo Vaux, “no judaísmo ortodoxo, a festa das Semanas nunca teve mais que uma importância secundária”.¹⁴¹ Em compensação, na seita de Qumran, a festa das Semanas tornou-se a festa mais importante, pois, essa seita considerava-se a comunidade da Nova Aliança.¹⁴² Já a Mischná, não consagra nenhum tratado à festa, porém, às outras festas sim. E, somente a partir do séc. II d.C., é que os rabinos “aceitaram que o pentecostes comemorava o dia em que a Lei tinha sido dada no Sinai”.¹⁴³

4.2 ANÁLISE HERMENÊUTICA

Quanto à interpretação atual, Noemi e o Livro de Rute são vistos e interpretados a partir de diferentes hermenêuticas, as quais se destacam: a visão lésbica, social, relacional, migratória e cultural, que trazem implicações práticas às mulheres no contexto atual.

¹³⁵ [Das Land Israel] wurde zuerst erschaffen, und die ganze übrige Welt wurde zuletzt erschaffen. MAYER, Reinhold. Der Talmud: Ausgewählt, übersetzt und erklärt. München: Wilhelm Goldmann Verlag, 1963, p. 618.

¹³⁶ Assim, se ainda existir a possibilidade de algo ser comprado para o sustento, então deve-se permanecer em Israel. MAYER, 1963, p. 621.

¹³⁷ Conforme as lendas e tradições judaicas, Noemi, após não ter conseguido convencer sua nora Rute a voltar, ensinou-lhe o judaísmo e ajudou-a a se tornar uma prosélita. Diante disso, “um descendente de Rute, o rei Salomão, tinha Noemi em mente quando escreveu no Livro de Provérbios que ‘a mulher de valor... estende sua mão aos necessitados’ (Pv 32.20), pois Naomi ajudou Rute a encontrar um abrigo ‘sob as asas da Schechiná’”. Cf.: UNTERMAN, Alan. Dicionário judaico de lendas e tradições. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992, p. 188.

¹³⁸ MAYER, 1963, p. 621-622.

¹³⁹ KRAUS, Hans-Joachim. Gottesdienst in Israel: Grundriß einer alttestamentlichen Kultgeschichte. 2. ed. München: Chr. Kaiser Verlag, 1962, p. 74.

¹⁴⁰ KRAUS, 1962, p. 77.

¹⁴¹ A festa das Semanas “é omitida no calendário de Ez 45.18-25 e, fora dos textos litúrgicos, ela só é mencionada muito tarde e incidentalmente no AT, 2Mc 12.31-32 e Tb 2.1”. Cf.: VAUX, 2004, p. 531.

¹⁴² VAUX, 2004, p. 530.

¹⁴³ VAUX, 2004, p. 531.

A. Uma interpretação lésbica: Guest busca por meio de seu texto “Enfrentando as feras”¹⁴⁴ mostrar como a Bíblia pode incluir mulheres judias e cristãs que se identificam com o lesbianismo, tendo como objetivo conciliar textos bíblicos que contribuam para a hermenêutica bíblica lésbica. Outro objetivo de Guest, é alcançar o público “anti-lésbicas”, os quais interpretam textos difíceis a partir do contexto do séc. XXI e, dessa forma, desconsideram a diferença temporal e geográfica, considerando somente a condenação de Deus. Desta forma, a interpretação bíblica lésbica quer proporcionar uma função conciliadora, ajudando pessoas que se identificam como lésbicas a encontrarem acordo com as Escrituras, interpretando-as a partir de sua própria perspectiva. Neste sentido, ela destaca “uma recuperação lésbica positiva de histórias como a de Rute e Noemi”,¹⁴⁵ não logo apelando ao relacionamento amoroso de Rute e Boaz.

B. Uma interpretação social: o texto “Os caminhos da sobrevivência”,¹⁴⁶ de Marques, faz uma abordagem a partir da questão social das mulheres que são levadas ao estrangeiro e, muitas vezes, são enganadas e obrigadas a trabalharem em prostíbulos. A partir disso, a autora trabalha o livro de Rute. Noemi, já idosa e em terras estranhas, tornou-se responsável por sua família após a morte de seu marido e filhos. Diante da situação melhor em Judá, ela decide voltar para Belém. Despedindo, desta forma, suas noras, pois ela mesma sabe da dificuldade que é viver em terras estrangeiras. A sobrevivência de uma mulher viúva e sem filhos numa sociedade patriarcal era difícil, porém era mais complicada ainda para uma estrangeira. Assim, Noemi e Boaz defendem o direito, a justiça e a solidariedade da mulher estrangeira, e Rute, mesmo sendo uma moabita, é uma modelo de solidariedade, protestando “contra política pós-exílica de isolamento social e eliminação dos estrangeiros”.¹⁴⁷

C. Uma interpretação relacional: em seu texto “A amizade no Livro de Rute”,¹⁴⁸ Andrade faz uma relação entre o tema amizade em textos de filósofos e outros autores com o livro de Rute. Para Andrade, o autor do livro de Rute quis desconstruir o paradigma sustentado na figura masculina, apresentando Rute, alguém que sempre esteve junto à Noemi, mesmo ela não percebendo, pois não conseguia se desfazer do seu solitário eu. A partir da convivência com Rute, porém, fez com que os seus olhos fossem abertos, passando de um relacionamento fraternal a uma relação de amizade. Diante disso,

O livro desconstrói uma ideia de amizade que se orienta pela fraternidade ou pela família. Isso pode ser verificado nos primeiros versículos, onde de modo até veemente a narrativa coloca em paralelo o fim prematuro do lado masculino da família de Naomi, intensificando seu desespero e sofrimento [...]. A partir daí, o enredo segue livre, completamente desvinculado do sentido de descendência tão caro às outras histórias de mulheres, sobretudo Gênesis. É um caminho inverso, onde, nos casos de Sara, Rebeca e Tamar, começa-se pela ausência de filhos para tê-los depois. No presente relato, começa-se com os filhos para perdê-los depois.¹⁴⁹

Para Andrade, portanto, o livro tem mais um caráter social de amizade do que um caráter familiar e fraternal.

¹⁴⁴ GUEST, Deryn. Enfrentando as feras: hermenêutica bíblica lésbica a caminho. In: CONCILIUM: Homossexualidades. n. 324. Petrópolis: Editora Vozes, 2008, p. 91. (p. 90-103).

¹⁴⁵ Cf.: GUEST, 2008, p. 91.

¹⁴⁶ MARQUES, Maria Antônia. Os caminhos da sobrevivência: uma leitura do Livro de Rute. In: RIBLA: por um mundo sem muros. Bíblia e migração. n. 63. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2009, p. 85. (p. 79-86).

¹⁴⁷ Cf.: MARQUES, 2009, p. 85.

¹⁴⁸ ANDRADE, Altamir Celio de. A amizade no Livro de Rute: identidade descentrada. In: RIBLA: Religião, culturas e identidade na Bíblia. n. 68. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2009, p. 51. (p. 41-54).

¹⁴⁹ Cf.: ANDRADE, 2009, p. 51.

D. Uma interpretação migratória: Klein em seu artigo “Todas as pessoas são estrangeiras em quase todos os lugares”¹⁵⁰ trabalha dois personagens bíblicos que estão em terras estrangeiras → Rute, uma moabita em Judá, e Jonas, um israelita na Assíria. Rute uma estrangeira em terras israelitas é incluída por Boaz, quando ele considera-a digna de receber a recompensa de Deus. O segundo passo dessa integração é organizado por Noemi. E Rute faz conforme seus conselhos. Porém, o ponto alto da narrativa é quando os anciãos colocam Rute em pé de igualdade com as matriarcas de Israel. Essa ação “vai muito além do que uma estrangeira, ainda mais uma moabita, poderia esperar da parte de Israel. Ser posta no mesmo nível com as matriarcas de Israel é mais do que integração, é a mais alta condecoração que se pode receber”.¹⁵¹ Assim, quem se aproxima de Deus, como Rute, não é mais estrangeiro, pois junto a Deus não existem estrangeiros.

E. Uma interpretação cultural: a partir da celebração de uma aliança entre índios do Brasil e da Bolívia, que buscavam melhorias sociais, Lopes em seu texto “Aliança pela vida”,¹⁵² faz uma relação com a aliança entre Noemi e Rute, a qual se baseia numa relação de amizade e amor que superam as diferenças raciais e culturais. O amor de Rute resgata a esperança, a identidade, a alegria, a fé e o futuro de Noemi. Nesta aliança, Rute assume um povo estrangeiro como sendo seu, unindo o seu destino ao de Noemi, fazendo tudo pela solidariedade que une os pobres. Assim, a proposta do livro de Rute não leva em conta o ódio existente entre israelitas e moabitas, pois o “perdão é fundamental para construir um novo tempo de paz e esperança [...]. Rute superou o ódio que historicamente separava os dois povos [...]. Também Noemi, contrariamente à atitude de Esdras, acolhe a sua nora estrangeira como filha, colocando-a sob as asas da proteção do Deus de Israel”.¹⁵³ O livro de Rute, portanto, convida “a acolher a sua proposta e fazer com os povos originários uma aliança pela vida de todos os pobres de nosso continente. Uma aliança baseada em relações de amor e respeito, de admiração e de acolhida”.¹⁵⁴

Neste trecho, faz-se necessário também observar como os comentaristas bíblicos interpretam a perícopes em estudo. Para isso, observou-se, principalmente, a releitura de três autores.¹⁵⁵ Essa comparação segue a própria estrutura do texto bíblico. A partir disso, os autores iniciam a sua abordagem relatando sobre a chegada de Noemi e Rute à cidade de Belém. Devido ao fato de ser um período de colheita, provavelmente os homens estavam trabalhando no campo e as mulheres estavam mais próximas à cidade.¹⁵⁶ Por causa do sofrimento de Noemi, as mulheres não conseguiram reconhecê-la logo. Tanto Every-Claiton¹⁵⁷ como Mesters,¹⁵⁸ comparam essa cena com o episódio da vinda dos amigos de Jó, os quais também não conseguiram reconhecer Jó num primeiro momento (Jó

¹⁵⁰ KLEIN, Renate Andrea. “Todas as pessoas são estrangeiras em quase todos os lugares”: aspectos da teologia pós-exílica nos exemplos de Rute e Jonas. In: Estudos Teológicos. v. 51. n. 2. São Leopoldo: EST, 2011, p. 206. (p. 196-212).

¹⁵¹ Cf.: KLEIN, 2011, p. 206.

¹⁵² LOPES, Mercedes. Aliança pela vida: uma leitura de Rute a partir das culturas. In: RIBLA: a palavra se fez índia. n.26. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1997, p. 113. (p. 110-116).

¹⁵³ Cf.: LOPES, 1997, p. 113.

¹⁵⁴ Cf.: LOPES, 1997, p. 116.

¹⁵⁵ Tanto Every-Claiton como Morris, fazem uma abordagem voltada à interpretação exegética do texto. Cf.: EVERY-CLAYTON, Joyce Elizabeth W. Rute. Em diálogo com a Bíblia. n. 8. Curitiba: Encontro; Belo Horizonte: Missão, 1993. Cf.: CUNDALL, Arthur E.; MORRIS, Leon. Juízes e Rute: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1986. Já Mesters, faz uma abordagem bíblica e exegética do texto, porém, aplicando-o ao contexto social do pobre. Cf.: MESTERS, Carlos. Rute. Comentário bíblico Latino-americano. São Paulo: Loyola, 2009.

¹⁵⁶ Cf.: EVERY-CLAYTON, 1993, p. 28. Cf.: CUNDALL; MORRIS, 1986, p. 246.

¹⁵⁷ EVERY-CLAYTON, 1993, p. 28.

¹⁵⁸ MESTERS, 2009, p. 32.

2.11). Nesse conflito de realidades, Noemi decide mudar o seu nome para Mara,¹⁵⁹ pois seria o mais justo para aquele momento. Diante disso, Mesters faz uma relação do sofrimento de Noemi com o sofrimento dos pobres.¹⁶⁰ Já Every-Claiton entende que a amargura vem pelo murmurar e o sofrimento não é consequência direta do pecado.¹⁶¹ Assim, conforme Morris, Noemi tem certeza de que Deus está acima de tudo, de tal forma “que a explicação das coisas amargas que ela tem experimentado devem estar com Ele”.¹⁶²

Essa escuridão causada pelo sofrimento, leva os autores a compararem esse episódio com outros texto bíblicos. Mesters compará-lo aos discípulos de Emaús¹⁶³ e Every-Claiton as águas amargas de Mara.¹⁶⁴ Essa situação desastrosa, na qual Noemi se encontrava, reflete a fragilidade diante do infinito poder de Deus.¹⁶⁵ Assim como a família de Noemi morreu, ela também estava morrendo. A sua situação reflete a própria situação do povo.¹⁶⁶ Depois de Noemi verbalizar o seu sofrimento diante de Deus e das mulheres, o texto bíblico apresenta Boaz, que faz um contraponto ao doentio Malom.¹⁶⁷ Já para Mesters, assim como Rute lembra as mulheres estrangeiras expulsas por Esdras, e Noemi lembra o povo abandonado e marginalizado, assim Boaz “faz lembrar a ação de Javé, o Deus do povo. Através dele e pela força dele Javé vai salvar o seu povo”.¹⁶⁸ Devido ao fato das mulheres serem pobres e viúvas, Every-Claiton explana a respeito do desejo de Rute em ir ao campo para recolher espigas, que era preciso “catar espigas do que mendigar, se vender como escrava ou se prostituir”.¹⁶⁹ Assim, Mesters enfatiza a orientação prática de Noemi e Rute que é “à luz da sua fé e à luz da Palavra de Deus. Elas não discutem teorias. São pessoas práticas. Elas querem é resolver os problemas concretos da vida: pão, família, terra”.¹⁷⁰

A partir da análise de alguns textos, os quais interpretam Noemi e o livro de Rute, percebe-se que, além de colocarem Rute como a personagem principal e Noemi como uma coadjuvante, contextualizam o livro para dentro de uma realidade, muitas vezes, não correspondendo com a mensagem que o livro quer passar. De semelhante modo, entende-se que também os comentários bíblicos buscam, não somente trazer implicações exegéticas, mas, também interpretar e contextualizar o texto para uma determinada realidade. Assim, tanto os textos como os comentários bíblicos interpretam Noemi e o livro de Rute a partir da sua visão de teologia e realidade.

4.3 APLICAÇÃO

¹⁵⁹ Conforme Gerleman, a terminação em he [ת] é hebraica, já a terminação em aleph [א] é aramaica, ou, então, moabita. Cf.: GERLEMAN, Gillis. Ruth – Das Hohelied. Biblischer Kommentar Altes Testament. v. 28. Neukirchen: Neukirchener, 1965, p. 20.

¹⁶⁰ Para ele, os pobres “não conseguem acreditar que eles são Noemi, que são a esposa amada e graciosa de Javé. Acham que Deus os castiga, pois o seu sofrimento é grande demais”. MESTERS, 2009, p. 33.

¹⁶¹ Para ela, quem pensa que o sofrimento é consequência direta do pecado “não diminui o sofrimento, mas aumenta muito a confusão espiritual, como bem ensina o livro de Jó”. EVERY-CLAYTON, 1993, p. 29.

¹⁶² CUNDALL; MORRIS, 1986, p. 246.

¹⁶³ Para Mesters, Noemi também não consegue enxergar a esperança ao seu redor, assim como os discípulos de Emaús. Com isso, a própria Palavra de Deus abre os olhos e é isso que o livro de Rute faz, ele “estimula os seus leitores a abrir os olhos para a realidade e os ensina a descobrir nela os sinais e as sementes da esperança”. MESTERS, 2009, p. 33.

¹⁶⁴ Every-Claiton relaciona o nome Mara com o episódio junto às águas amargas de Mara, no qual Deus transformou as águas amargas em doce, que, para ela, é a presença e vinda de Rute. Cf.: EVERY-CLAYTON, 1993, p. 29.

¹⁶⁵ CUNDALL; MORRIS, 1986, p. 247.

¹⁶⁶ MESTERS, 2009, p. 34.

¹⁶⁷ Segundo Morris, Boaz “aparece como cidadão íntegro, um homem influente e rico da comunidade”. Cf.: CUNDALL; MORRIS, 1986, p. 253.

¹⁶⁸ MESTERS, 2009, p. 37.

¹⁶⁹ EVERY-CLAYTON, 1993, p. 34.

¹⁷⁰ MESTERS, 2009, p. 38.

A relação de Noemi com o sofrimento é perceptível durante a leitura do livro de Rute. A mesma leitura, faz-se a partir de interpretações da personagem na hermenêutica atual. Por isso, Noemi é um paradigma do sofrimento feminino. A partir disso, o texto em estudo possui implicações práticas para o contexto atual. Nos últimos anos, principalmente, devido às guerras e às catástrofes naturais, houve um aumento no deslocamento de pessoas em busca de uma vida melhor. Considerando a problemática no Oriente Médio, somente em 2015 chegaram ao continente europeu um milhão de pessoas, das quais 34% são mulheres e crianças. Essas, além do conflito em suas terras natais, sofrem ainda com casamentos forçados, tráfico sexual, violência doméstica e abuso sexual.¹⁷¹ Conforme o CONABRE,¹⁷² o Brasil “possui atualmente (até abril de 2016) 8.863 refugiados reconhecidos”, sendo destes 28.2% mulheres.¹⁷³ Esses dados traduzem a situação mundial em que a mulher se encontra, que, devido às guerras, precisam deixar o seu lar e o seu país. Não diferente foi a situação de Noemi, que deixou a sua terra com a sua família para buscar um vida melhor em Moabe (Rt 1.1) e, depois, retornando (Rt 1.19).

Outra questão social importante, é o relacionamento sogra e nora. Este nem sempre é visto de forma positiva, pois as sogras veem as noras como concorrentes e as noras veem as sogras como mulheres que interferem em seus relacionamentos e na vida de seus maridos. A problemática pode aumentar, quando um filho/neto chega, o que pode gerar um conflito em torno do cuidado com a criança.¹⁷⁴ Percebe-se que o relacionamento sogra e nora entre Noemi e Rute é diferente. Noemi não vê as suas noras como concorrentes, mas, sim como filhas.¹⁷⁵ Neste período, as mulheres eram incluídas nas famílias de seus maridos. Elas estavam abaixo na hierarquia feminina da família, na qual a sogra tinha o posto mais alto. Já no relato de Rute, essa hierarquia é abolida pelo amor, pela amizade e pelo respeito.

Mesmo que no Brasil exista toda uma “coisificação” da mulher, mesmo assim Deus não as enxerga desta forma. Diante dele, elas têm voz, vez, direito e existência. Da mesma forma que elas são abençoadas, elas também podem passar pelo sofrimento. Deus não faz acepção de pessoas e, conseqüentemente, distinção entre homem e mulher. Ele olha para o ser humano de forma integral. Assim, Noemi pôde derramar as suas lágrimas diante de Deus e diante das mulheres da cidade. Interessante é, que as mulheres reconheceram o sofrimento de Noemi, mas mesmo assim ainda a chamam de Agraciada. Não é regra, só porque as mulheres percebem o sofrimento mais fácil do que os homens, é que o seu chamado se reduz ao trabalho diaconal, pelo contrário, elas são chamadas assim como os homens para falar diante Deus, para ele e com ele e diante dos outros. Neste sentido, percebe-se a importância de um trabalho pastoral, que possa acolher mulheres e ajudá-las a verbalizar as suas dificuldades e sofrimentos, isto é, ser um ouvido para elas.

¹⁷¹ NH. De volta à barbárie: estupro, agressões e abusos revelam vida sombria de mulheres refugiadas. 2016. Disponível em: <http://www.jornalnh.com.br/_conteudo/2016/01/noticias/mundo/262973-estupro-agressoes-e-abusos-revelam-vida-sombria-de-mulheres-refugiadas.html>. Acesso em: 28 de jun. de 2017.

¹⁷² Comitê Nacional para os Refugiados.

¹⁷³ ACNUR. Dados sobre refúgio no Brasil. 2016. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/recursos/estatisticas/dados-sobre-refugio-no-brasil/>>. Acesso em: 28 de jun. de 2017.

¹⁷⁴ LHANO, Milena Gonçalves. Dificuldades no relacionamento entre sogra e nora: muitas vezes as duas travam um campo de batalha para conviver. In: Minhavida. 2016. Disponível em: <<http://www.minhavida.com.br/bem-estar/materias/5300-dificuldades-no-relacionamento-entre-sogra-e-nora>>. Acesso em: 25 de jun. de 2017.

¹⁷⁵ Rt 1.11,12,13; 2.1,22; 3.1,16,18.

Diante disso, percebe-se que, para o indivíduo, as mulheres possuem maior facilidade em falar de seus sentimentos e emoções do que os homens.¹⁷⁶ Porém, não só isso, elas percebem, em muitos casos, muito mais facilmente o sofrimento, mesmo ele não sendo verbalizado. Assim, para o indivíduo, permanece que, diante de Deus o sofrimento pode ser verbalizado, como também diante de pessoas confiáveis. Pensando na questão social, na qual as mulheres sofrem devido à diversos males é preciso saber falar e ouvir. Assim, o indivíduo necessita aprender a falar e a ouvir, pois quem não fala também não sabe ouvir.

¹⁷⁶ ALEIXO, Flávia. As mulheres falam demais, os homens, de menos: verdade ou mito? In: Mais um café, por favor! Disponível em: <<https://flaviaaleixo.wordpress.com/2010/06/30/as-mulheres-falam-demais-os-homens-de-menos-verdade-ou-mito/>>. Acesso em: 25 de jun. de 2017.

CONCLUSÃO

Quando se fala do livro de Rute logo vem à mente a pessoa de Rute. Noemi, em grande medida é esquecida ou, então, ocultada quando se interpreta o livro. Assim, Rute é colocada como a personagem principal e Noemi torna-se somente uma coadjuvante. Porém, após o estudo exegético de Rt 1.19-2.2 e da leitura do livro, percebeu-se que Noemi é a personagem principal do livro, pois o livro estrutura-se a partir dela. Assim, o livro comenta desde o seu “vazio”, morte do marido e dos filhos, até a sua “plenitude”, o nascimento de Obede, seu neto. A partir deste momento, Noemi é louvada e chamada novamente de Agraciada. Desta forma, toda a narrativa acontece por causa de Noemi. Se ela não tivesse voltado (Rt 1.19), se ela não tivesse enviado Rute ao campo (Rt 2.2), se ela não tivesse dado dicas à Rute (Rt 2.22; 3.1-4,18) e se ela não tivesse lembrado e dito que Boaz era um dos resgatadores (Rt 2.20), talvez a história de Rute teria tomado outros rumos. Claro, não por último, toda a história é guiada pelo próprio Deus (Rt 4.13).

Especificamente, a partir da perícopes estudada, percebeu-se que o sofrimento não está atrelado a povo, à raça ou sexo. Assim, Noemi é um paradigma do sofrimento feminino. Nesse sentido, a Bíblia não descarta o sofrimento das mulheres, e, também, não encobre que o sofrimento pode ser levado a Deus, pois ele escuta. Desta forma, não é necessário falar de Noemi a partir de uma teologia feminista, mas, sim de uma teologia feminina. Da mesma forma que o sofrimento e a bênção vem aos homens, esses também vem às mulheres, pois para Deus não existe distinção entre superiores e inferiores, homens e mulheres, raça e condição social. Assim, a igreja precisa voltar seus ouvidos a ouvir as várias “Noemis” que existem nas comunidades e na sociedade.

O trabalho exegético de Rt 1.19-2.2, portanto, trouxe tanto enriquecimento ao conhecimento bíblico e científico como também à vida de fé.

REFERÊNCIAS

- ACNUR. **Dados sobre refúgio no Brasil.** 2016. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/recursos/estatisticas/dados-sobre-refugio-no-brasil/>>. Acesso em: 28 de jun. de 2017.
- ALEIXO, Flávia. **As mulheres falam demais, os homens, de menos: verdade ou mito?** In: Mais um café, por favor! Disponível em: <<https://flaviaaleixo.wordpress.com/2010/06/30/as-mulheres-falam-demais-os-homens-de-menos-verdade-ou-mito/>>. Acesso em: 25 de jun. de 2017.
- ANDIÑACH, Pablo R. **Introdução Hermenêutica do Antigo Testamento.** São Leopoldo: Sinodal/EST, 2015.
- ANDRADE, Altamir Celio de. **A amizade no Livro de Rute:** identidade descentrada. In: RIBLA: Religião, culturas e identidade na Bíblia. n. 68. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2009.
- AUSTEL, Hermann J. **אָרַם וְאֵלֶּיךָ.** In: HARRIS, R. Laird (org.). **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 1998.
- BENDER, Jorge; SILVA, João Artur Müller da (orgs.). **Soletando a fé:** conceitos cristãos de A-Z. São Leopoldo: Sinodal, 2016.
- BENTHO, Esdras Costa. **A família no Antigo Testamento:** história e sociologia. Rio de Janeiro: Casa Publicadora, 2011.
- BERLEJUNG, Angelika. **Família.** In: BERLEJUNG, Angelika; FREVEL, Christian (orgs.). **Dicionário de termos teológicos fundamentais do Antigo e do Novo Testamento.** São Paulo: Paulus; Ipiranga: Loyola, 2011.
- BERLEJUNG, Angelika. **Viúva.** In: BERLEJUNG, Angelika; FREVEL, Christian (orgs.). **Dicionário de termos teológicos fundamentais do Antigo e do Novo Testamento.** São Paulo/Ipiranga: Paulus/Loyola, 2011.
- BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém.** GORGULHO, Gilberto da Silva; STORNILO, Ivo; ANDERSON, Ana Flora (Coords.). Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2010.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo NTLH.** Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo NVI.** BARKER, Kenneth (organizador geral). São Paulo: Vida Nova, 2003.
- BÍBLIA. Português. **Nova Bíblia Pastoral NBP.** São Paulo: Paulus.
- BÍBLIA. Português. Tradução de João Ferreira de **Almeida.** Revista e atualizada no Brasil. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.
- BRIGHT, John. **História de Israel.** 7. ed. revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2003.
- CHAMBERLAN, Gary. **Return.** In: BROMLEY, Geoffrey W. (org.). **The International Standard Bible Encyclopedia.** v. 4. Michigan: Grand Rapids, 1988.
- COPPE, Leonard J. **אָרַם וְאֵלֶּיךָ.** In: HARRIS, R. Laird (org.). **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 1998.
- COPPE, Leonard J. **אָרַם וְאֵלֶּיךָ.** In: HARRIS, R. Laird (org.). **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 1998.
- CUNDALL, Arthur E.; MORRIS, Leon. **Juízes e Rute:** introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1986.
- DILLARD, Raymond B.; TREMPER, Longman III. **Introdução ao Antigo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 2006.
- ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm (Orgs.). **Bíblia Hebraica Stuttgartensia.** 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1993.
- EVERY-CLAYTON, Joyce Elizabeth W. **Rute.** Em diálogo com a Bíblia. n. 8. Curitiba: Encontro; Belo Horizonte: Missão, 1993.

- EVIDÊNCIAS NT. **A vida nos tempos de Jesus – parte 1.** 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dJl9PdAgEPs&t=846s>>. Acesso em: 04 jun. 2017.
- EVIDÊNCIAS NT. **O casamento nos tempos bíblicos.** 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WiVSxaOUrSs&t=735s>>. Acesso em: 04 jun. 2017.
- FEE, Gordon; STUART, Douglas. **Como ler a Bíblia livro por livro:** Um guia de estudo panorâmico da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 2013.
- GERLEMAN, Gillis. **Ruth – Das Hohelied.** Biblischer Kommentar Altes Testament. v. 28. Neukirchen: Neukirchener, 1965.
- GRADL, Felix; STENDEBACH, Franz Josef. **Israel e seu Deus:** guia de leitura para o Antigo Testamento. São Paulo: Loyola, 2001.
- GRÜNWALDT, Klaus. **Olho por olho, dente por dente?:** o Direito no Antigo Testamento. São Paulo: Loyola, 2009.
- GUEST Deryn. **Enfrentando as feras:** hermenêutica bíblica lésbica a caminho. In: CONCILIUM: Homossexualidades. n. 324. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- GUNNEWEG, Antonius H. J. **História de Israel:** dos primórdios até Bar Kochba e de Theodor Herzl até os nossos dias. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- HAMILTON, Victor P. מָרָה . In: HARRIS, R. Laird (org.). **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 1998.
- HAMILTON, Victor P. שָׂדֵי . In: HARRIS, R. Laird (org.). **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 1998.
- HANHART, Robert; RAHLFS, Alfred (Orgs.). **Septuaginta.** Edição revisada. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.
- HARRIS, R. Laird. מֵעַ רָהָה . In: HARRIS, R. Laird (org.). **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 1998.
- HARRIS, R. Laird. נָאֵל . In: HARRIS, R. Laird (org.). **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 1998.
- HAWTHORNE, Gerald F. *Name.* In: BROMLEY, Geoffrey W. (org.). **The International Standard Bible Encyclopedia.** v. 3. Michigan: Grand Rapids, 1986.
- HOLLADAY, William L. **Léxico hebraico e aramaico do Antigo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 2010.
- HOUSE, Paul R. **Teologia do Antigo Testamento.** São Paulo: Vida, 2005.
- KELLEY, Page H. **Hebraico bíblico:** uma gramática introdutória. 9. ed. ampliada. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2013.
- KLEIN, Renate Andrea. **“Todas as pessoas são estrangeiras em quase todos os lugares”:** aspectos da teologia pós-exílica nos exemplos de Rute e Jonas. In: Estudos Teológicos. v. 51. n. 2. São Leopoldo: EST, 2011.
- KRAUS, Hans-Joachim. **Gottesdienst in Israel:** Grundriß einer alttestamentlichen Kultgeschichte. ed. 2. München: Chr. Kaiser Verlag, 1962.
- LAWRENCE, Paul. **Atlas Histórico e Geográfico da Bíblia.** São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.
- LHANO, Milena Gonçalves. **Dificuldades no relacionamento entre sogra e nora:** muitas vezes as duas travam um campo de batalha para conviver. In: Minhavida. 2016. Disponível em: <<http://www.minhavida.com.br/bem-estar/materias/5300-dificuldades-no-relacionamento-entre-sogra-e-nora>>. Acesso em: 25 de jun. de 2017.
- LIVINGSTON, G. Herbert. הַעֲבֵד . In: HARRIS, R. Laird (org.). **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 1998.
- LOPEES, Mercedes. **Por causa da esperança:** uma relação entre Jubileu e Apocalíptica. In: Estudos Bíblicos. O ano do jubileu. n. 58. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1998.

- LOPES, Mercedes. **Aliança pela vida**: uma leitura de Rute a partir das culturas. In: RIBLA: a palavra se fez índia. n. 26. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1997.
- LOPES, Mercedes. **O livro de Rute**. In: RIBLA: Escritos. n. 52. Petrópolis: Vozes, 2005.
- LUTERO, Martinho. **Da vontade cativa**. In: Obras selecionadas: Debates e controvérsias II. v. 4. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1993.
- MARQUES, Maria Antônia. **Os caminhos da sobrevivência**: uma leitura do Livro de Rute. In: RIBLA: por um mundo sem muros. Bíblia e migração. n. 63. São Bernardo do Campo: Nhauduti, 2009.
- MARTENS, Elmer A. בִּוּאָ. In: HARRIS, R. Laird (org.). **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- MARTENS, Elmer A. בְּעָוָה. In: HARRIS, R. Laird (org.). **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- MAYER, Reinhold. **Der Talmud**: Ausgewählt, übersetzt und erklärt. München: Wilhelm Goldmann Verlag, 1963.
- MESTERS, Carlos. **Rute**. Comentário bíblico Latino-americano. São Paulo: Loyola, 2009.
- MILES, Jack. **Deus**: uma biografia. São Paulo: Companhia das letras, 1997.
- NEUMANN, Klaus. *Nome*. In: BERLEJUNG, Angelika; FREVEL, Christian (orgs.). **Dicionário de termos teológicos fundamentais do Antigo e do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus; Ipiranga: Loyola, 2011.
- NH. **De volta à barbárie**: estupros, agressões e abusos revelam vida sombria de mulheres refugiadas 2016. Disponível em: <http://www.jornalnh.com.br/_conteudo/2016/01/noticias/mundo/262973-estupros-agressoes-e-abusos-revelam-vida-sombria-de-mulheres-refugiadas.html>. Acesso em: 28 de jun. de 2017.
- OTTO, Eckart. **A Lei de Moisés**. São Paulo: Loyola, 2011.
- RENDTORFF, Rolf. **Antigo Testamento**: uma introdução. Santo André: Academia Cristã, 2009.
- RÖSEL, Martin. **Panorama do Antigo Testamento**: história, contexto e teologia. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009.
- SCHMIDT, Werner H. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Leopoldo: Sinodal, 1994.
- SCHÖCKEL, Alonso Luis. **Dicionário bíblico hebraico-português**. São Paulo: Paulus, 1997.
- SCHULTZ, Samuel J. **A história de Israel no Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1986.
- UNTERMAN, Alan. **Dicionário judaico de lendas e tradições**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- VAUX, Roland de. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2004.
- WITTE, Markus. **Das Rutbuch**. In: GERTZ, Jan Chr (org.). Grundinformation Altes Testament. 3. ed. ampliada. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2009.
- WOUDE, A. S. van der. וְרֹחַ. JENNI, Ernst; WESTERMANN, Claus. **Theologisches Wörterbuch zum Alten Testament**. v.2. München: Kaiser; Zürich: Theologischer Verlag, 1984.
- ZENGER, Erich; et al. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.